UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – CAMPUS – IV – JACOBINA

ALANE NEILA OLIVEIRA DA CRUZ

EDINOELSON DA SILVA OLIVEIRA

OS NOVOS SUPORTES DE LEITURA NA ERA DIGITAL NO DISTRITO DE JUNCO, JACOBINA-BA

JACOBINA-BA

2017

ALANE NEILA OLIVEIRA DA CRUZ

EDINOELSON DA SILVA OLIVEIRA

OS NOVOS SUPORTES DE LEITURA NA ERA DIGITAL NO DISTRITO DE JUNCO, JACOBINA-BA

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV Jacobina-Ba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profª. Ma. Patrícia Vilela da Silva

JACOBINA-BA

2017

ALANE NEILA OLIVEIRA DA CRUZ

EDINOELSON DA SILVA OLIVEIRA

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV Jacobina-Ba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profª. Ma. Patrícia Vilela da Silva

Aprovado em _____ de_____ 2017.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professora Patrícia Vilela da Silva

Mestra em Estudo de Linguagens (UNEB)

(Orientadora)

_____

Professora Thaís Nascimento Santana Santos

Mestra em Linguagem e Ensino (UFCG)

_____

Professor Rodrigo dos Reis Nunes

Mestre em Educação e Diversidade (UNEB)

JACOBINA-BA

2017

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho. A minha família, em especial a meus pais, Evanildes e Silvio. A todos os amigos que estiveram presentes em momentos importantes desta caminhada, principalmente a Tainara Carvalho, Daiane Cezar Patrícia Ferreira e Edinoelson Oliveira, grande amigo de curso e de vida, a quem tive o prazer de ter como parceiro na referida monografia; também aos demais colegas universitários que fiz durante o período do curso. Agradeço a professora e orientadora Patrícia Vilela, que é para mim um grande exemplo de profissional, sempre comprometida em nos auxiliar nesta etapa, além dos demais professores que contribuíram para minha formação acadêmica. Expresso, aos citados, o meu muito obrigada!

Alane Neila Oliveira da Cruz

A Deus em primeiro lugar. Ao meu pai, Juraci Oliveira, que sempre me deu força, acreditando no meu sucesso. As minhas avós, Maria Nunes e Maria das Neves que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me no que fora necessário. A minha tia, Edineide Silva e a minha grande amiga Daiane Cezar. À professora Patrícia Vilela, que foi a grande orientadora deste trabalho, sempre cuidadosa e atenciosa em suas orientações, sugerindo e trazendo livros, colaborando no acontecimento desta pesquisa. Aos professores do Campus, agradeço a todos pelo auxílio e dedicação, pois de forma direta ou indireta contribuíram no meu aperfeiçoamento. Por fim, a minha amiga, companheira desta monografia e de diversos trabalhos acadêmicos, Alane Oliveira, pois sempre estivemos juntos, aprendendo um com outro antes e durante a realização deste trabalho. Obrigado a todos!

Edinoelson da Silva Oliveira

“Nunca um acontecimento, um fato um feito, [...] um livro tem por trás de si uma única razão [...] se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outra são mais visíveis enquanto razão de ser”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo pretendeu investigar a apropriação dos novos suportes de leitura na geração cibernética e contribuições dos mesmos à constituição do leitor, no distrito de Junco, município de Jacobina, Bahia. Para isso, buscou-se compreender quais os espaços, no distrito, em que mais circulam os novos suportes de leitura digital; quais os gêneros mais lidos nesse universo cibernético; em que medida os suportes digitais facilitam ou dificultam a apropriação de textos diversos pelos leitores da contemporaneidade; qual o perfil do leitor inserido nessa cibercultura e a importância e valor atribuído à leitura digital naquela localidade. Considerando-se que a rede de suportes digitais atrai leitores, subtende-se que esse tipo de ferramenta pode ser um objeto importante para o estudo da leitura. Sendo assim, foram tomados como aporte teórico os estudos de Almeida (2011), Barbosa (2010), Buzato (2009); Bellei (2002), Chartier (1945, 1999), Delgadillo (2002), Fagundes e Hoffmann (2008), Fischer (2006), Gomes (2002), Gomes (2011), Higounet (2003), Marcuschi (2003; 2010), Lemos (1997), Lévy (1999), Pinheiro (2014), Rojo (2009;2014) e Santos (2006) enfatizando a evolução dos suportes e a história da escrita e leitura, os gêneros digitais, hipertextos e a leitura na era digital. A abordagem metodológica adotada foi a pesquisa qualitativa, através de um estudo de campo, onde os dados foram coletados por meio de questionários, entrevistas e formulário, cujos sujeitos da pesquisa foram os moradores do distrito, selecionados de forma aleatória, frequentadores da *lan house* e do infocentro, bem como professores das escolas e representantes das empresas responsáveis pela transmissão da *internet*. Diante deste estudo e a partir da análise dos dados coletados, verificamos a predominância de gêneros textuais como literatura, noticiários e atualidades; suportes digitais como *Smartphones* em todos os espaços; gêneros digitais tais quais *e-mails, chats e blogs* acessados pela população em geral, bem como pelos internautas do infocentro; de igual modo, a funcionalidade da internet como acesso à informação e comunicação e o perfil desse sujeito leitor que se faz nesta geração cibernética.

PALAVRAS-CHAVE: Suportes Digitais; Leitura; Leitor; Cibercultura.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the appropriation of new reading assets in the cyber generation and its contributions to the reader's constitution in Junco district, in Jacobina's city –Bahia. For this, we sought to comprehend which spaces, in the district, in which most of the new reading assets circulate; which are the most read genres in this cyber universe; to what the extent to which digital assets facilitate or hinder the appropriation of diverse texts by contemporary readers; what is the reader's profile inserted in this cyberculture and the importance and value attributed to the digital reading in that locality. Considering that the network of digital assets attracts readers, it is implied that this kind of tool can be an important object for the study of reading. Thus, it was taken as the theoretical studies of Almeida (2011), Barbosa (2010), Buzato (2009); Bellei (2002), Chartier (1945, 1999), Delgadillo (2002), Fagundes e Hoffmann (2008), Fischer (2006), Gomes (2002), Gomes (2011), Higounet (2003), Marcuschi (2003; 2010), Lemos (1997), Lévy (1999), Pinheiro (2014), Rojo (2009; 2014) e Santos (2006), emphasizing the evolution of assets and the history of writing and reading, digital genres, hypertexts and reading in the digital age. The methodological approach used was the qualitative research by means of a field study, where the data were collected through questionnaires, interviews and form, whose subjects of the survey were the residents of the district, *infocentro* and internet café users, as well as school teachers and representatives of the companies responsible for transmitting the internet, all randomly selected. Before this study and from the analysis of the collected data, we verified the predominance of textual genres such as literature, news and current affairs; digital assets, for instance, Smartphones in all spaces; digital genres such as e-mails, chats and blogs accessed by the general population, as well as Internet users of the *infocentro*. In the same way, the functionality of the internet as access to information and communication and the profile of this reader subject that is made in this cybernetic generation.

KEY-WORDS: Digital Assets; Reading, Reader; Cyberculture.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência com que os usuários utilizam o Infocentro 53
Gráfico 2 – Os conteúdos mais acessados no Infocentro 54
Gráfico 3 – Os gêneros digitais mais lidos no Infocentro 55
Gráfico 4 – Os gêneros textuais mais lidos nos suportes digitais do Infocentro 56
Gráfico 5 – O(s) objetivo(s) de leitura no suporte digital 57
Gráfico 6 – A vantagem da leitura no suporte digital do Infocentro 58
Gráfico 7 – Incidência de acesso à *Internet* fora do Infocentro 59
Gráfico 8 – Os suportes digitais utilizados fora do infocentro 60
Gráfico 9 – Usuários de *Internet* em casa 62
Gráfico 10 – Os suportes digitais utilizados no ato da leitura 62
Gráfico 11 – A frequência de leitura nos suportes digitais 63
Gráfico 12 – Os conteúdos acessados na *Internet* 64
Gráfico 13 – Os gêneros textuais lidos nos suportes digitais 65
Gráfico 14 – Os gêneros digitais mais lidos pelos internautas do distrito 66
Gráfico 15 – Os objetivos de leitura nos suportes digitais 67
Gráfico 16 – As vantagens de leitura nos suportes digitais 69
Gráfico 17 – Frequência com que o docente trabalha com o suporte digital na escola 71
Gráfico 18 – Utiliza ferramentas digitas nas atividades escolares, além do computador 72
Gráfico 19 – Ferramentas digitais utilizadas nas atividades escolares 73
Gráfico 20 – Os suportes digitais favorecem o trabalho em sala de aula 74
Gráfico 21 – Habilidade dos estudantes com as ferramentas digitais 75
Gráfico 22 – Gêneros textuais mais trabalhados pelos docentes nos suportes digitais 76

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEJ - Colégio Estadual de Junco

CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

CMPD - Colégio Municipal Pedro Daltro

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TDIC - Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

TIs - Tecnologias da Informação

UBS - Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 SUPORTES DE ESCRITA E LEITURA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA 16

2.1 DA PRANCHA DE BARRO AO PERGAMINHO: A TRANSIÇÃO E A MUDANÇA DOS SUPORTES DE LEITURA 19

2.2 REVOLUÇÕES NA HISTÓRIA DA LEITURA: DOS TEXTOS MANUSCRITOS AOS DIGITAIS 27

3 LER NA CIBERCULTURA: ENTRE LEITORES E TEXTOS 32

3.1 HIPERTEXTOS DIGITAIS 36

3.2 CIBERESPAÇO: OS GÊNEROS DIGITAIS 40

3.3 VIDA EM REDES SOCIAIS 43

3.4 DENTRO E FORA DA ESCOLA: LEITURA NO ESPAÇO CIBERNÉTICO 44

3.5 INFOCENTRO: ESPAÇO DE PROMOÇÃO À CIBERCULTURA 46

3.6 O LUGAR DA *LAN HOUSE* NA ERA DIGITAL 47

4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS: ESPAÇOS E POPULAÇÃO 49

4.1 DISSEMINAÇÃO DE *INTERNET* NO DISTRITO: PERSPECTIVA DAS EMPRESAS 49

4.2 O (NÃO) LUGAR DA *LAN HOUSE* COMO ESPAÇO DE PROMOÇÃO À LEITURA DIGITAL 50

4.3 INFOCENTRO: ESPAÇO DE INTERAÇÃO DIGITAL 52

4.4 A POPULAÇÃO DO DISTRITO E SUA RELAÇÃO COM A CIBERCULTURA 61

4.5 ESCOLA: O USO DE SUPORTES DIGITAIS AUXILIARES DA PRÁTICA DOCENTE 69

CONSIDERAÇÕES FINAIS 79

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 83

APÊNDICES 86

1 INTRODUÇÃO

A era digital possibilitou a circulação de textos em diferentes suportes e maneiras de se configurar. Desse modo, considerando que os espaços por onde os textos passaram a ser veiculados mudaram de cenário, houve uma inserção não apenas de suporte, mas de hábitos, comportamentos e padrões culturais sob a ótica histórica da sociedade, desde o barro às telas iluminadas dos aparelhos eletrônicos que invadiram as mais variadas esferas sociais.

Nesse sentido, ao observarmos a sociedade contemporânea, é possível constatar as mudanças comportamentais advindas desta nova era. Neste novo cenário, criaram-se outras possibilidades de leitura, já que os textos circulam em diversas plataformas de comunicação. Essas novas ferramentas revolucionaram a maneira tradicional de enxergar apenas os livros, jornais e revistas como objetos de leitura.

A revolução digital trouxe outras possibilidades de “consumo" da leitura. Atualmente, nota-se um eventual esquecimento dos instrumentos de circulação de textos impressos, se compararmos o consumo deste tipo de leitura antes e pós era digital a redução é significativa, enquanto a leitura digital vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade, mesmo em regiões menores e com o nível de desenvolvimento econômico menos favorecido. Também no distrito de Junco, Jacobina, Bahia, percebem-se as mudanças propiciadas pela revolução digital, desse modo constitui-se como lócus do presente trabalho.

Diante do contexto, as questões que problematizam o trabalho são:

- Quais os espaços, no distrito, em que mais circulam os novos suportes de leitura digital?
- Quais são os gêneros mais lidos nesse universo cibernético?
- Em que medida os suportes digitais facilitam ou dificultam a apropriação de textos diversos pelos leitores da contemporaneidade?
- Qual o perfil do leitor inserido nessa cibercultura contemporânea?
- Qual a importância e valor atribuído à leitura digital no distrito?

Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a apropriação dos novos suportes de leitura na geração cibernética e contribuições dos mesmos, no distrito de Junco, Jacobina, Bahia. Como objetivos específicos pretendeu-se identificar e analisar os espaços e modos em que a leitura digital tem mais ocupação e relevância; caracterizar como se configura o leitor arraigado nessa tecnologia; realizar o levantamento das preferências leitoras, no distrito, no que tange à leitura digital; identificar quais os gêneros mais lidos nos suportes digitais; analisar a importância dos novos suportes de leitura como contribuintes na formação de leitores.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, contudo também fizemos uso de dados quantitativos. Sobre a diferença existente em ambas as abordagens, Mynaio (2001, p. 22) afirma que

> Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Em contraste, a utilização de dados quantitativos e qualitativos nesta pesquisa não se configura em uma oposição das referidas abordagens, porém a complementação das mesmas, pois a realidade abrangida interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

Esta pesquisa foi aplicada de abril de dois mil e dezesseis ao primeiro dia de outubro de dois mil e dezessete. Dessa forma, através de um levantamento de campo no distrito de Junco, Jacobina-BA, observamos e analisamos como os habitantes se apoderam da leitura nos suportes favoráveis à cibercultura.

Assim, o método utilizado nesta pesquisa consiste no estudo de caso do tipo instrumental, para Stake (apud André, 2005) o estudo de caso pode ser instrumental quando o interesse do pesquisador é uma questão que o caso vai ajudar a resolver; na referida pesquisa, estuda-se uma situação particular, local, já descrita anteriormente, a partir do levantamento de dados, análise e interpretação dos mesmos, visando compreender o fenômeno em questão.

Toma-se como *lócus* dessa pesquisa, o distrito de Junco, Jacobina-Ba, o qual está localizado a cerca de 320 km da Capital de Salvador, e possui, segundo dados do IBGE de 2010, 7.100 habitantes em uma área de 410 km², sendo este o maior distrito da cidade de Jacobina.

Em termos de infraestrutura, o Junco possui lojas de vários seguimentos, além de um hospital, que já esteve em plena atividade, porém hoje atua como uma UBS; possui centro de abastecimento, Infocentro*, Lan house*, farmácias, postos de gasolina, fábricas de pequeno porte, há também uma rede escolar com uma unidade do Estado e outras três unidades Municipais. Sendo assim, o distrito possui espaços que contribuíram imprescindivelmente para a realização da pesquisa de campo, tais como, escolas, Infocentro e Lan House.

Dado o exposto, os sujeitos desta pesquisa são aqueles que, voluntariamente ou involuntariamente, estão imersos na cibercultura, isto é, os residentes e domiciliados no distrito ou em seus povoados, que frequentam as respectivas instâncias propensas à era digital, bem como a população em geral por meio de seleção aleatória na feira livre da localidade.

Por conseguinte, o levantamento de dados deu-se com a aplicação de dez questionários, sendo esses, para cinco docentes atuantes no Colégio Municipal Pedro Daltro e cinco docentes ministrantes no Colégio Estadual de Junco; e quarenta formulários para os internautas do Infocentro. Na feira livre, os sujeitos da pesquisa foram abordados com o intuito de responderem aos trinta e cinco formulários preenchidos pelos entrevistadores; e, por fim, foi feita uma entrevista com os representantes das empresas responsáveis pela transmissão de *Internet* no distrito.

O assunto que norteou as questões, contempladas nos respectivos instrumentos de coleta de dados, teve como propósito analisarmos os espaços e os diferentes perfis de leitores, os conteúdos acessados, os gêneros mais lidos, objetivos das leituras, de modo a observar a relação da população com o ciberespaço. As questões foram, em sua maioria, objetivas, no caso dos questionários dos professores necessitaram-se, em algumas perguntas, de justificativas, porém nenhum dos sujeitos justificou, bem como no que diz respeito

aos formulários precisaram-se de especificações em algumas interrogações, no entanto os sujeitos não especificaram.

Desse modo, esta pesquisa compreendeu as seguintes etapas:

- A primeira etapa teve como desígnio realizar um levantamento bibliográfico das obras que embasaram o nosso trabalho; abordando a conceituação da área de pesquisa, nesse caso, a leitura, os suportes de leitura antigos e os suportes atuais propiciados pela cibercultura, bem como a relevância dos suportes digitais no distrito.
- Na segunda etapa, fomos ao distrito, definimos e observamos os espaços e os modos em que circulam os novos suportes digitais, a fim de acompanharmos o processo de leitura e o envolvimento do distrito com essas tecnologias.
- A terceira etapa consistiu na aplicação de questionários e formulários, com a finalidade de resgatarmos, dos sujeitos da pesquisa, saberes sobre a leitura em articulação com a era digital.
- A quarta etapa consistiu na categorização dos dados obtidos na pesquisa de campo.
- Na quinta etapa, elaboramos gráficos de acordo com as respostas dos questionários/formulários aplicados, nos espaços, também traçando o perfil dos sujeitos envolvidos.
- Na sexta e última etapa, elaboramos o relatório final com a análise dos dados obtidos.

Para uma melhor estruturação, este estudo foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, a introdução, espaço em que abordamos uma reflexão sobre o tema proposto, as razões da escolha do mesmo, a relevância deste estudo e o conteúdo do trabalho. Na segunda seção, abordamos uma discussão em que a história da leitura é sucintamente discorrida, da prancha de barro ao pergaminho, dos textos manuscritos aos digitais, bem como a transição e a mudança dos suportes de leitura.

Na terceira seção, salientamos acerca dos seguintes temas: Ler na Cibercultura: entre leitores e textos; Hipertextos digitais; Ciberespaço: os gêneros digitais; Dentro e fora da escola: leitura no espaço cibernético; Infocentro: espaço de

promoção à cibercultura; O lugar da *lan house* na era digital. Sendo assim, a base teórica que fundamenta as discussões, abordadas no segundo e terceiro capítulos, é composta por autores tais como Almeida (2011),Barbosa (2010), Buzato (2009); Bellei (2002), Chartier (1945,1999), Delgadillo (2002), Fagundes e Hoffmann (2008), Fischer (2006), Gomes (2002), Gomes (2011), Higounet (2003), Marcuschi (2003, 2010), Lemos (1997), Lévy (1999), Pinheiro (2014), Rojo (2009, 2014), Santos (2006) e ainda o Dicionário de termos linguísticos (1992).

Na última seção, abordamos a análise dos dados que se desdobram nas seguintes subseções: Disseminação de Internet no distrito: Perspectivas das empresas; O (não) lugar da *lan house* como espaço de promoção à leitura digital; Infocentro: espaço de interação digital; A população do distrito e sua relação com a cibercultura; Escola: o uso de suportes digitais auxiliares da prática docente. Por fim, têm-se as considerações finais verificando se os objetivos propostos foram alcançados.

2 SUPORTES DE ESCRITA E LEITURA: A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA LEITURA

A necessidade de registrar informações originou-se há milhares de anos, quando sistemas de representações foram surgindo e evoluindo juntamente com as práticas humanas que foram se modificando. O advento da escrita possibilitou registros em suportes diversos, com o intuito de preservar a memória e a cultura dos povos.

Nesse sentido, faremos um caminho longo e viajaremos pela história das civilizações com o intuito de conhecer como a escrita e a leitura se desenvolveram desde a Pré-história, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna até a Idade Contemporânea e as mudanças ocorridas nos suportes durante esta evolução.

Sabe-se que a história da escrita está ligada à história da leitura, duas tradições impossíveis de se romper, uma vez que a escrita precisa da leitura para que tenha uma funcionalidade, já que não se escreve apenas por escrever, escreve-se para ser lido, e é nesse exercício em que ambas constituem-se como instâncias indissociáveis. Se a leitura pressupõe escrita, entende-se que a grafia atrela-se a um suporte onde os textos se materializam, adequando-se ao padrão de cada época, ocorrendo mudanças na linguagem, formas de ler e também nos suportes em que os textos são dispostos.

Considerando a escrita como uma concretização imprescindível em determinado suporte, faz-se necessário abordar a sua definição, sob a ótica do Dicionário de Termos Linguísticos (1992), para quem trata-se de “material capaz de receber e conservar a inscrição de um texto”.

Outra definição de suporte que vale salientar é aquela elaborada por Marcuschi (2003), pois, de acordo com o linguista, o suporte tem a ver centralmente com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de transporte ou veículo, nem como um suporte estático, porém, sim, como um *lócus* no qual o mesmo se fixa e, por sua vez, tem repercussão sobre o gênero que suporta. O autor acredita que operamos diferentemente os textos em suportes diversos, mas isso não quer dizer que os suportes veiculem conteúdos diferentes para os mesmos textos, afinal, o

texto não muda o conteúdo independentemente do suporte em que apareça, no entanto, a relação que construímos e o contato com o suporte são diferentes.

Os primeiros registros, de que se tem notícia, são datados de 40 mil anos a.C nas paredes e tetos das cavernas, são denominadas pinturas rupestres, a pintura era realizada com sangue de animais, excrementos humanos, argila, folhas de árvore, restos de carvão etc. Eram utilizados ossos de animais, cerâmicas, pedras e uma espécie de pincel feito com pelo de animais, além das próprias mãos.

A arte primitiva é vista hoje como um grande legado dos povos pré-históricos, foi nas cavernas onde surgiram as primeiras manifestações artísticas. Porém essas pinturas rupestres não podem ser classificadas como escrita propriamente dita, como assinala Fischer (2006, p. 20), elas são consideradas como *proto-escrita* quando interpretadas como forma de comunicação, uma vez que não possuíam significado linguístico. As pinturas encontradas relatam o modo de vida desses povos e as atividades que realizavam no dia a dia: caça, dança, alimentação, rituais e etc. Além disso, reafirmam a necessidade que o homem possui desde épocas remotas de se expressar por meio de suportes.

A oralidade foi durante certo período da história a principal forma de comunicação, registro e expressão dos seres humanos. Quanto mais remoto o passado, menos registros se têm, uma vez que a escrita completa demorou a desabrochar, dessa forma as civilizações mais antigas utilizavam símbolos, códigos representados por desenhos, paus e pedras. Durante muito tempo, a palavra fora honra, bastava, contemporaneamente não é o suficiente, precisa-se de uma escritura, na qual ratifica a palavra dita oralmente. Deste modo, comprova Higounet (2003), que

> A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p.59).

Compreende-se, a partir disso, que a escrita conquistou espaço na sociedade e surgiu para garantir que as ações e pensamentos humanos que eram outrora

esquecidos, fossem então registrados, o sistema escrito foi se desenvolvendo e ganhando extrema importância nas relações sociais.

Higounet (2003), referindo-se aos suportes menos corriqueiros na contemporaneidade como fixadores de textos, mas que foram muito recorrentes no passado, apresenta-nos a seguinte afirmação:

> Do ponto de vista material, toda escrita é traçada sobre um suporte ou, como se diz, sobre um registro 'material subjetivo', com auxílio de um instrumento manejado mais ou menos habilmente por um gravador ou por um escriba, seja fazendo incisões, com um estilete, seja com um produto colorante. (HIGOUNET, 2003, p. 15).

Antes de a cibernética conquistar espaços nas mais variadas esferas e, por sua vez, instituir suportes de materialização de textos diversos, outros instrumentos eram necessários para consolidar as escrituras. No ponto de vista material, poder-se-ia dividir os suportes em duas categorias, os duros e os menos duros, ou seja, os materiais duros consistiam em vidros, ferro, ardósia, mármore, osso, bronze, pedra, tijolos, cerâmica, entre outros. Contudo, essas ferramentas utilizadas com maior frequência nas civilizações mais remotas não recebiam inscrições extensas, uma vez que eram muito trabalhosas e resistentes, nos quais eram mais utilizados em construções monumentais. (HIGOUNET, 2003).

De diferente modo, com os suportes menos duros, contribuindo para liberdade da escrita e para o aparecimento das formas cursivas, possibilitou-se às civilizações ancestrais mais acesso à escrita do que os materiais duros haviam permitido em outro momento histórico, entre os materiais menos duros destacam-se as tabuletas de cera, madeira, cascas de árvore, folhas de palmeira, seda e peles de animais.

Segundo Higounet (2003), a seda crua e a lâmina de bambu foram utilizadas pelos chineses como suportes de fixação à escrita, inequivocamente, antes do papel; os árabes apropriaram-se do couro também como material útil a fixação de inscrições; a Rússia Medieval fez uso da casca de bétula; a Índia das folhas de palmeira; Roma das tabuletas cobertas de cera; e, por fim, a África do Norte utilizou tabuletas de madeira, as quais até os dias de hoje não ficaram obsoletas como suporte, no Marrocos.

Além dos suportes já apontados, apresentam-se outros, mais conhecidos e mais importantes na cadeia evolutiva da escrita e da leitura, pois diferentemente dos materiais anteriormente referidos, os que estão por vir foram mais extensos no tocante à corporalização textual. Tal corporalização pode ser notada tanto nas sociedades onde estiveram arraigados, referindo-se aos antigos que entraram em desuso, como nas civilizações atuais onde variados suportes coexistem com utilidades distintas, sem haver uma substituição efetiva de um suporte por outro, todavia um uso esporádico de uns e o uso recorrente de outros.

Dentre os suportes que conservaram uma escrita mais extensa, opondo-se aos descritos anteriormente, apresentam-se a prancha de barro; o papiro; o pergaminho; o papel e o texto impresso; os digitais: computadores, *tablets*, celulares*, smartphones, notebooks*, *e-readers*. A seguir, abordaremos os suportes e o período em que cada um circulou e/ou circula com mais acessibilidade aos leitores, também serão abordadas as revoluções perpassadas pela leitura, bem como, a transição e mudança ocorridas com os manuscritos e os impressos.

2.1 DA PRANCHA DE BARRO AO PERGAMINHO: A TRANSIÇÃO E A MUDANÇA DOS SUPORTES DE LEITURA

Durante a Antiguidade, ler significava falar, a oralidade era a forma de comunicação utilizada, registros surgiram diante da necessidade de não se esquecer de instruções, cálculos e acordos verbais, principalmente em âmbito comercial envolvendo compra e venda ou troca de mercadorias. Era necessário registrar as informações, pois poderiam ser utilizadas posteriormente para sinalizar o tipo de comercialização estabelecida entre os comerciantes. A “leitura” visava extrair sentido de símbolos e códigos escritos, obter informações a partir da assimilação e interpretá-los. (FISCHER, 2006)

Considerando as transformações ocorridas, diacronicamente, nos suportes de escrita e leitura, a escrita cuneiforme, de acordo com alguns historiadores, surgiu na Região da Mesopotâmia denominada Suméria, e na Ásia anterior. Foram os

sumérios, quatro séculos antes de Cristo, a primeira civilização a empregar um sistema de linguagem escrita, foi a partir da utilização intencional do aspecto fonográfico na pictografia que a escrita completa surgiu. Sobre esse processo de escrita, Fischer (2006) destaca que a leitura verdadeira surgiu quando um sinal gráfico (desenho) foi interpretado pelo seu valor sonoro (significado), deste modo à leitura se tornou uma sequência lógica de sons que reproduzia, de certa maneira, uma linguagem natural humana, em vez de ler-se imagem, lia-se linguagem. Essa forma de representação foi simplificada e padronizada, surgindo, então, à escrita cuneiforme.

A escrita cuneiforme foi resultado do processo de assimilação entre os sumérios e os povos semitas da Arábia. Cuneiforme vem do grego *cuneos* (cunha), é considerado o sistema de escrita mais antigo conhecido até hoje, continha por volta de 2000 caracteres, mas em função da dificuldade de utilizar e memorizar pela grande quantidade, apenas 570 caracteres eram normalmente utilizados. A escrita era enigmática e de difícil assimilação, poucas pessoas a compreendiam.

O suporte no qual se materializava a escrita suméria era a prancha de barro ou tabuletas de argila fresca que depois de grafadas eram cozidas em fornos, para assim, prolongar a durabilidade das inscrições, no entanto, em caso de o registro já feito não ter tanta importância, elas eram amolecidas e, então, reutilizadas. Os registros eram objetivos, porque nesta época não havia uma cultura de escrita e leitura aprofundada, a leitura delimitava-se aos nobres e sacerdotes.

Segundo Carvalho (2006), a escrita e a leitura nas pranchas de barro funcionavam como auxiliares da memória, fixando, apenas, registros sucintos do cotidiano e do número de rebanhos pertencentes a famílias diversas. As tabuletas cuneiformes eram grandes e pesadas, o manuseio deste tipo de suporte causava incômodo, as placas eram escritas com estiletes pontiagudos feitos de cana, os leitores mesopotâmicos liam uma “literatura de argila”; pedras também eram entalhadas, ceras gravadas além de marfim, metal, e vidro.

Partindo das tabuletas de argila, nessa sucessão temporal, percebe-se a mudança dos suportes propícios às inscrições a depender de cada sociedade, o papiro, por exemplo, “(...) era utilizado pelos egípcios desde 3200 a. C. como

suporte para escrita" (CARVALHO, 2006, p. 29). Como toda mudança requer transição, a passagem da Prancha de Barro ao Papiro não ficou isenta de conviverem na mesma sociedade, juntamente com suportes mais duros e trabalhosos que ainda insistiam em permanecer na Antiguidade.

No Egito antigo, não só a escrita era entendida como um discurso visível, mas toda a leitura era fisicamente realizada em voz alta por meio de um escriba-testemunha. Liam-se as letras em tabuletas cuneiformes e cartas em papiro. Por volta de 3300 a.C, o Egito usava algumas centenas de hieróglifos e ou logográficos este tipo de escrita é considerada contemporânea à escrita cuneiforme.

Os hieróglifos possuem três tipos de representação: os caracteres figurativos, cópia direta dos objetos (pictogramas); caracteres simbólicos, que exprimiam por vários processos as ideias abstratas (logogramas ou ideogramas); e caracteres fonéticos, que tinham um valor silábico ou alfabético (fonogramas). No quarto milênio a.C, os egípcios já liam hieróglifos na superfície de pedras, paletas de ardósia (rocha metamórfica), estelas funerárias (placas verticais de pedra com inscrições), selos cilíndricos (pequenos cilindros de pedra esculpidos com desenhos em entalhe), objetos decorativos, cerâmicas, tabuletas de marfim, armas de pedra, entre outros.

A escrita hierática, uma simplificação da escrita hieroglífica era lida quase exclusivamente em papiro, embora aparecessem também em pedra, gesso, couro, tecidos de linho, óstraco (fragmento de cerâmica ou pedra) e em outras superfícies como templos, tumbas, monumentos e estátuas. Utilizava-se essa escrita para registrar documentos cotidianos por ser mais prática, os hieróglifos levavam muito tempo para ser entalhados, gravados ou pintados.

Na sociedade mediterrânea antiga, a oralidade regia a comunicação, contudo a repentina proliferação da escrita propiciou à leitura, assim gregos e romanos de diversas posições sociais passaram a ler rolos de papiro e tabuletas de cera, suportes de fácil manuseio.

A leitura passou a contar com um número grande de suportes, três milênios após a elaboração completa da escrita, na Mesopotâmia, os manuscritos do Mar Morto apontam que a escrita em partes do Oriente Médio se dava em couros,

embora ouro, prata, cobre e bronze também fossem utilizados em documentos importantes. As tabuletas de cera faziam parte da leitura cotidiana, mas o grande soberano foi o papiro importado do Egito.

Os gregos, embora já tivessem utilizado o papiro no segundo milênio do século VII a. C, este hábito esvaiu-se. Eles escreviam em qualquer suporte que estivesse disponível: fragmentos de cerâmica, tabuletas de cera e madeira, nestes casos as inscrições eram feitas com tinta ou entalhadas com buril (instrumento com ponta de aço utilizado para gravuras) em cera; peles de todo tipo, placas de ouro e prata, até chapas de chumbo. Porém, esses materiais não contribuíam para uma leitura fácil e concisa, poucos textos extensos foram escritos neles, nestes casos os textos residiam na memória humana.

Quando o papiro se popularizou, embora caro, seu comércio cresceu, promovendo a leitura e a escrita no litoral mediterrâneo. O Egito passou então a produzir enormes quantidades de papiro para os gregos e, mais tarde, para os mercadores romanos. Sobre o papiro, é possível assim caracterizar:

> originado de uma planta das margens do rio Nilo, na África, o papiro era utilizado pelos egípcios desde 3200 a.C. como suporte para a escrita. As suas folhas eram entrelaçadas e coladas. Devido ao seu aspecto flexível, o papiro tornou-se um suporte ideal para diversos gêneros de textos, tais como os administrativos, os jurídicos e os médicos, ou até mesmo contas, cartas e literatura. (CARVALHO, 2006, p. 29).

Assim, as folhas de papiro eram unidas em forma de rolo, desse modo, para serem lidas, era preciso desenrolá-las. Cada quadro sequencial era visto separadamente, próximo do que fazemos hoje quando rolamos as páginas na tela do computador. O leitor entendia a leitura como algo sequencial.

A armazenagem dos rolos de papiro era feita em caixas redondas individuais (cada rolo exibia um rótulo separado) e também em caixas separadas que continham autores ou assuntos diferentes, ou ainda em prateleiras abertas com etiquetas de identificação no final de cada rolo.

Assim como a prancha de barro, o papiro era um auxiliar da memória, permitindo a anexação de informações importantes para a vida em sociedade daquela época. Por meio da leitura, uma pessoa poderia visualmente “se tornar” um texto ou uma espécie de “biblioteca ambulante” de diversas obras, nesta perspectiva

o leitor era um transmissor, não um receptor, mas como armazenar todas as informações sobre as mais variadas áreas do conhecimento? O cérebro é capaz de processá-las, memorizá-las em toda a sua grandiosidade talvez não, por isso a importância dos suportes para a história da humanidade.

A passagem do século IV ao V a.C. marcou a transição da tradição oral para a escrita, mais precisamente, segundo Fischer (2006), no final do século IV a.C., pois a transmissão escrita já tinha tomado grandes proporções e se firmado na Grécia como instrumento para validar conhecimentos, e não apenas registrar pequenas informações, a escrita começou a ser vista como superior a palavra falada. Ao final do século IV a.C. a transmissão oral do conhecimento social decididamente havia se tornado escrita. Na região grega, o comércio de livros iniciou-se no século V a.C. e cresceu consideravelmente no século VI a.C. depois que o papiro já encontrava-se mais acessível.

Já os romanos realizaram seus primeiros escritos utilizando o latim em vasos e objetos de metal que constavam o nome de seus proprietários, além de dedicatórias religiosas e textos curtos, eles utilizavam as tabuletas de cera para correspondência e contabilidade. Ainda no século IV.a.C., inscrições mais significativas começaram a surgir, tornando-se importantíssima para os interesses políticos de Roma, ao final desse período o uso da escrita cresceu significavelmente em decorrência da romanização nós séculos II e I a.C, embora os romanos tenham passado a utilizar a escrita em situações cotidianas, a leitura era uma espécie de habilidade acessória.

O *volumen*, uma espécie de papiro romano, media cerca de 25 centímetros de largura, por 6 a 10 metros de comprimento. Era escrito de modo que as páginas individuais da escrita pareciam uma página desenrolada, uma folha possuía duas colunas paralelas, o curioso é que se separavam as palavras com dois pontos antes do espaço, sinalizando as pausas na voz quando efetuada a leitura. Segundo Fischer (2006):

> A leitura do rolo de papiro não era uma tarefa simples, pois era necessário desenrolá-lo seguidas vezes. Retornar, ir adiante no texto ou procurar determinada passagem nele era difícil. Não havia sumários ou índices. Para fechar o rolo de papiro e armazená-lo de modo adequado, era preciso enrola-lo novamente até o início. (Deixá-lo aberto em um segmento poderia

> causar danos.) Além disso, era um objeto caríssimo e, por isso, precioso, o qual sempre exigia uma armazenagem segura, longe de crianças, cães, roedores, ladrões e, acima de tudo, chuva ou vinho derramado. Se houvesse um incêndio na casa, os *volumina* eram, sem dúvida, as primeiras coisas a serem salvas depois das crianças. (FISCHER, 2006, p. 63)

Neste sentido, os papiros foram suportes de leitura importantíssimos para os egípcios, embora a leitura nesse período também fosse prática restrita a poucos. Assim como no uso das pranchas de barro, os caráteres dos papiros restringiam-se, somente, aos nobres e sacerdotes, no entanto, nos dias atuais a leitura desses escritos propiciam descobertas que aperfeiçoam nossos conhecimentos sobre o vasto mundo greco-romano. De acordo com Higounet (2003, p. 17), “o papiro foi monopólio do Egito até o século VII”, contudo no século XI foi abandonado completamente. Sendo o papiro um material de custo bastante elevado e trabalhoso, surgiu o pergaminho, colocando o anterior numa espécie de desuso. O pergaminho consistiu-se em um suporte de grande resistência material, muito mais conservador em comparação ao papiro.

Da Antiguidade até o início da Idade Média existiam, segundo Fischer (2006), até então, como suportes mais utilizados, as tabuletas de argila e as folhas de papiro, uma vez que cabiam na palma da mão e poderiam ser transportados facilmente, atendendo assim às necessidades da sociedade da época. Porém, o então rei do Egito Ptolomeu proibiu intencionalmente a exportação de papiro temendo que o rei Eumenes II, de Pérgamo na Grécia, fundasse uma biblioteca tal qual a de Alexandria; diante desta situação, o Rei de Pérgamo, em busca de uma alternativa ordenou que criassem um novo tipo de suporte para abastecer a biblioteca que planejava fundar, assim surge o *Pérgamo* ou pergaminho.

Outros fatores propiciaram o desuso do papiro, as plantas utilizadas como matéria-prima na fabricação do papiro diminuíram significativamente com o tempo, além de ser muito trabalhoso e caro escrever no papiro. O pergaminho passou a ser uma ameaça ao papiro e, em meados do século IV d.C., já o tinha substituído quase que por completo, chegando a ser totalmente no século V, início da Idade Média, com a interrupção das rotas comerciais para o Egito que permitiam a exportação, fato ocorrido devido a expansão mulçumana.

A matéria-prima do pergaminho é a pele de cabras, ovelhas, cordeiro, bode e veado novo, tinha como atributos ser mais barato em relação ao papiro e mais durável, a pele era tratada, e devidamente preparada para ser escrita de ambos os lados, assim como o papiro eles eram enrolados. Em épocas de escassez de pergaminho, raspavam-se os livros antigos para que novos fossem transcritos. No final século I d.C.. A forma do pergaminho passou a se assemelhar bastante ao livro moderno, conforme salienta Aguiar:

> (...) Os editores de então começaram a cortar a pele e a costurá-la em cadernos, criando o códex, em páginas como no livro moderno. Durante mais de mil anos foi esse o meio mais prático e universal de conservar e difundir as ideias políticas, científicas e literárias da humanidade.(AGUIAR, 2004, apud CARVALHO, ano1, N.4, p.29)

O códice ou *códex* (da palavra em latim que significa *livro, bloco de madeira*) foi um avanço relativo ao pergaminho, surgiu em Roma não se sabe ao certo quem o inventou. Com a criação do códice o texto passou a ser escrito em ambos os lados para que assim pudesse ser virada, essa configuração nova permitia que o leitor tivesse acesso a qualquer trecho do texto com facilidade.

Durante o processo de transformação do pergaminho em códex, as peles dos animais eram cortadas e costuradas pelos editores, formando-se um livro, o códex, tal como a estrutura do livro que conhecemos hoje, referindo-se ao formato de sucessão das páginas. O pergaminho é o suporte antecedente do papel, numa proximidade e coexistência, chegando ao ponto de concorrência entre ambos durante muito tempo na Idade Média, principalmente na conservação das atas importantes e dos livros, o pergaminho fez-se um suporte de grande importância.

Quanto às características, o códice possuía em cada página quatro margens nas quais poderia se inserir glossários, anotações e comentários, permitindo que o leitor se aproximasse do material escrito. Para Fischer (2006), o formato propiciado a partir do códice estimulou inovações na organização da leitura, os capítulos ganharam subdivisões, os livros passaram a comportar coleções de textos diversos, denominados antologias; a obra completa era um corpo, o desfazer sequencial dos rolos aos poucos foi sendo abandonado.

As vantagens do códice para os leitores eram bem atrativas, cabia mais informações, era mais prático para manusear e mais fácil de carregar. Já como rolo, tinha-se dificuldade para localizar certa passagem da obra, o leitor teria que desenrolá-lo e enrolá-lo novamente, o códex ganha em mobilidade, armazenamento e proteção do texto escrito.

A criação do pergaminho propiciou mais um crescimento na escrita e leitura em relação ao suporte anterior, contudo, ainda era muito caro escrever nesse suporte, assim como, era também muito trabalhoso, por exemplo, fazer uma cópia manuscrita de um livro, e por causa do custo elevado, somente uma pequena parcela da população tinha acesso aos manuscritos registrados no pergaminho, inequivocamente, os que possuíam estabilidade financeira. Logo após o pergaminho, surge o papel de custo também alto, pelo menos até o século XIV, todavia seu preço era menor comparando-o com o suporte que o antecede.

Na China, segundo Fischer (2006), os artefatos mais antigos nos quais se aplicavam a escrita chinesa eram *oxscapulae* (ossos da omoplata de animais) e palestrões (escudo ósseo vental dos quelônios) de tartaruga, eles eram preparados e entalhados, depois os caracteres eram pintados, também eram utilizados cascas de árvores, bambus e lascas de madeira.

Durante a dinastia Han, logo no início por volta de 25-200 d.C, a seda era utilizada para correspondências, documentos oficiais e composições, porém assim como o papiro no Ocidente, a seda tinha um custo alto, foi então que se pensou na utilização de um material mais barato afim de atender as necessidades da escrita e a circulação de textos, assim nasceu o papel um dos suportes mais comuns para a escrita no mundo, o processo foi descrito por Cai Lun, sua composição original era de farrapos e fibras naturais (louro, amora e grama chinesa), hoje conhecida como celulose, advinda da fibra vegetal de plantas, ele as cozia e pressionava até virar polpa, depois elas eram colocadas em formas para secar, obtinha-se, então, a folha celulósica,a qual era colocada para secagem posteriormente.

A técnica inicial foi mantida e o segredo guardado a sete chaves. Os chineses controlaram o monopólio de produção até o século VIII, pois sua utilização havia sido disseminada para a Coréia e Japão, no Oriente, e para o Turquestão, no

ocidente. Pelo baixo custo de produção, o papel passou a ser produzido e utilizado amplamente na China, impulsionando a expansão da leitura por toda a Ásia Oriental.

Conforme Higounet (2003), os primeiros papéis eram fabricados a partir de trapos de cânhamo e linho, inovação chinesa, todavia possuía uma fragilidade muito acima do pergaminho, e certa inflexibilidade. A fabricação do papel até o início do século XIX era manualmente sobre uma forma. O pergaminho caminhou lado a lado com o papel na mesma época, assim também, como ainda havia a presença do papiro, pois este foi outro suporte próximo ao papel, do pincel a pena, os três suportes conviveram até a substituição plena de ambos pelo papel.

Na perspectiva de Carvalho (2006), Chartier (1999) e Higounet (2003) com o surgimento da imprensa no início da Idade Moderna, século XV, a restrição de textos subordinados aos manuscritos, foi solucionada, claramente devido ao baixo custo da produção do livro impresso, em comparação ao códex, o pergaminho, pois era muito trabalhoso o processo de transformação em suporte para depois materializar um discurso à mão, serviço atribuído aos copistas, na Idade Média, que demoravam muito tempo copiando, por exemplo, um romance de trezentas páginas ou um livro sagrado como a Bíblia.

2.2 REVOLUÇÕES NA HISTÓRIA DA LEITURA: DOS TEXTOS MANUSCRITOS AOS DIGITAIS

Os impressos possibilitaram a redução do tempo de produção do livro, atingindo um público maior. Então, vê-se a substituição da mão pela máquina disseminadora da cultura impressa, do livro impresso, ampliando gradativamente o número de leitores. Com o advento da tipografia, a produção do livro ampliou-se, pois a tipografia improvisava várias cópias sucessivamente, já o manuscrito levava dias, meses, para ser copiado apenas um.

Conforme adiantado acima, o formato do livro baseia-se no códex com a mesma estrutura, formato, a sucessão de páginas, sumário e numeração. Sugere-se uma não ocorrência de substituição total dos manuscritos, a transformação não foi

absoluta, percebe-se uma sucessão de formatos, a tradição insistiu em permanecer, pois, a princípio, os impressos não eram confiáveis à preservação de determinados livros sagrados e documentos sigilosos, logo houve resistência em se romperem os impressos em relação aos manuscritos.

Para Chartier (1999), não houve ruptura total, porque o manuscrito sobreviveu até os séculos XVII e XIX, isto é, mesmo após a prensa. Os impressos erradicaram-se lentamente sem sobreposição forçada, aos poucos foram ganhando espaço até se tornarem indispensáveis, como exemplificam os dias atuais.

Conforme salienta o estudioso Chartier (1999), o manuscrito restringia o número de leitores, a invenção da prensa de Johannes Gutenberg (1398-1468) disseminou o acesso à leitura e consequentemente possibilitou uma mudança nas formas de ler. Origina-se um leitor solitário, um leitor silencioso. Se antes, na Antiguidade e Início da modernidade, o discurso em voz alta existia como uma marca forte, na qual o leitor o realizava com dois propósitos visíveis: mostrar competência leitora para determinado público e publicar alguma obra. O leitor dos impressos busca a interpretação, concentrando-se na leitura silenciosa.

A propagação dos suportes impressos ocorreu na mesma época de um fenômeno que consistiu em um marco de ruptura na história da leitura, esse consiste na passagem da tradição da leitura oral, em voz alta, para a leitura silenciosa. Esta inovação no hábito do leitor é considerada como a primeira revolução da leitura, e justamente por causa da proximidade dessa primeira revolução com a inovação de Gutenberg, muitos acreditam que esta ruptura transitória deu-se por consequência da imprensa, entretanto,

> A primeira revolução na leitura no início da Idade Moderna foi, assim, de maneira geral, independente da revolução tecnológica na produção de livros. Ela teve raízes em mudanças ocorridas nos séculos XII e XIII, que transformaram a função mesma da palavra escrita, substituindo o modelo monástico, que atribuía a escrita uma tarefa de preservação e memória em grande parte dissociada da leitura, pelo modelo escolástico, que tornou o livro tanto um objeto como um instrumento de trabalho intelectual. (CHARTIER, 1999, p. 23-24).

Deste modo, a primeira revolução da leitura, a silenciosa, teve raízes na transição do texto manuscrito para o texto impresso, porém não se pode afirmar que esta revolução foi consequência da novidade de Gutenberg, pois esta revolução antecede a impressão, já que se têm vestígios da leitura silenciosa antes do século

XV, na Antiguidade greco-romana, e também um possível convívio entre essas duas formas de leitura. No entanto, embora a leitura em voz alta e a silenciosa tenham convivido na Antiguidade grega e romana, foi na Idade Média que a leitura silenciosa arraigou-se com mais força, deste modo podemos dizer que os impressos intensificaram a leitura silenciosa, consistindo em uma nova revolução.

Conforme Chartier (1999), o surgimento dos impressos foi sem dúvida uma segunda revolução na leitura, pois possibilitou mudanças nos hábitos de ler. O leitor tradicional tinha um acesso limitado aos livros, esses eram lidos e relidos, memorizados e recitados, recorrendo de uma geração para outra. Compreende-se que enquanto na era dos manuscritos a leitura deu-se por meio da memorização, nessa segunda revolução surgem novas práticas de leitura, mas não podemos afirmar que todos os leitores deixaram de transmitir textos através da memorização e recitação, determinados número de leitores adotaram novas práticas, outros não.

> Os novos leitores devoravam um grande número e uma imensa variedade de impressos efêmeros. Eles liam rápida e avidamente, submetendo o que tinham lido a um julgamento crítico imediato. Uma relação comunal e respeitosa com a matéria escrita, feita de reverência e obediência, deu lugar a um tipo de leitura irreverente e desprendida. (CHARTIER, 1999, p. 25).

Os insistentes na memorização de textos transferiram este hábito para outros gêneros surgidos a partir dos impressos como, por exemplo, cita-se o literário: romances. Esse hábito persistiu até o século XIX, depois apareceram escolas, possibilitando aos leitores aperfeiçoamento nas práticas de leitura, reduzindo assim, o analfabetismo. A leitura atingiu outra categoria, composta por mulheres, crianças e trabalhadores, causando crescimento na produção impressa, nesse caso, a leitura deixou de partir, somente, da religiosidade, modificando-se na escola, originando-se uma prática leitora escolarizada.

Na época dos manuscritos, os livros tinham pouco a oferecer, havia um número reduzido de leitores, os textos em sua maioria eram sagrados, uma vez que, as circulações dos manuscritos deram-se na Idade Média, período cujo pensamento estava centrado em Deus, as produções eram voltadas para Deus. No entanto, com o advento dos impressos, multiplicou-se a quantidade de livros, por conseguinte, a demanda por livros cresceu, os leitores estavam diante de uma nova tecnologia que

lhes davam acesso a diversos temas, posteriormente a esta inovação inicia-se a denominada terceira revolução.

A terceira revolução se constitui por meio da materialização de textos no meio eletrônico, para tal apresentam-se os novos suportes digitais: computadores, *smartphones, notebooks, tablets* e *e-readers*. Os suportes de escrita/leitura foram se modificando, os avanços tecnológicos permitiram um enorme salto na comunicação, propiciaram novos instrumentos de leitura que passaram mais recentemente do papel, considerado como uma evolução desde sua criação, para as telas iluminadas dos aparelhos digitais.

Segundo o estudioso e especialista em história da leitura, Roger Chartier (1999):

> A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.(CHARTIER, 1999, p. 12-13).

Os novos suportes proporcionam um contato diferenciado com a leitura, tanto em termos de estrutura e maneiras de se configurar, quanto na forma de ler, uma verdadeira revolução como enfatiza Chartier (1999), atraindo cada vez mais adeptos e escrevendo um novo capítulo na história da leitura.

Esses aparatos tecnológicos culminaram em uma modificação dos padrões culturais e uma diversidade no perfil dos leitores que estão imersos nessa tecnologia. Bellei (2002) argumenta a respeito dos novos hábitos decorrentes da evolução no modo de escrita e leitura:

> Trata-se da mudança da página para a tela que, alterando as formas de fluxo e recepção do conhecimento, coloca em xeque valores perenes da civilização ocidental, como a capacidade humana para produzir e absorver e produzir discursos complexos, a possibilidade de formação do indivíduo e

> de uma ética individual, e a capacidade de entendimento histórico. (BELLEI, 2002, p. 19).

Essa mudança interfere no modo como o texto é recebido pelo leitor, pois a relação e sentidos estabelecidos entre a leitura de um livro físico palpável é diferente da leitura em tela, que por sua vez caracteriza-se por ser mais interativa permitindo observações, palavras destacadas que levam a hipertextos e se configuram de modo não linear.

Já o livro, segue uma ordem linear e única, as formas em que um texto se configura sejam digitais ou impressos refletem na assimilação e recepção do mesmo no que se refere à apropriação de conhecimento, que pode variar de indivíduo para individuo. Na ótica de Chartier (1999), a diferença do leitor da tela para o leitor do rolo é que, enquanto na Antiguidade o texto desdobrava-se horizontalmente, hoje o texto corre verticalmente sobre as telas iluminadas.

Portanto, como apontado, todo texto circula através de um suporte, conforme os anos passam várias mudanças ocorrem, não só na linguagem e nas formas de ler, mas também nos suportes em que os textos são dispostos, enfim, as inovações acontecem e os leitores adaptam-se a essas modificações, atendendo aos parâmetros da época em que vivem.

Assim, ocorreram mudanças nos suportes e consequentemente no modo do leitor lidar com o objeto de leitura, pois enquanto o leitor da Antiguidade sentiu o texto em rolo em suas mãos ao desenrolar os papiros, os leitores medievais e modernos folhearam os manuscritos e os livros impressos. O leitor contemporâneo pode folhear um livro impresso quando quer lê-lo sentindo as letras em suas mãos, mas também pode fazer uso do universo cibernético, por meio de um computador, *smartphone, tablet, notebook* ou e-*reader*, rodando o cursor do *mouse* ou deslizando o dedo sobre a tela*,* sem necessitar contato direto com as letras, porque o texto não se encerra, simplesmente, na capa da encadernação como no livro, o texto abre possibilidades para outros textos dentro do mesmo suporte, dando origem a um novo gênero ou gêneros digitais: hipertexto, *hiperlink*.

3 LER NA CIBERCULTURA: ENTRE LEITORES E TEXTOS

Ao ler a seção anterior, verifica-se que os suportes mudaram ao longo do tempo, sendo assim, nesta era, a qual está cognominada de digital nada de pedras, barro ou de rolos de papel. Com exceção dos impressos, basta uma tela iluminada e um dispositivo equipado com *internet* para navegar à procura dos mais diversos conteúdos, a qual vai conduzindo sucessivamente o leitor a outras relevâncias. É um mar de possibilidades no qual o leitor/usuário vai se atracando conforme seus interesses.

Essa era, de acordo com Lemos (1997, p. 2), é permeada pela interatividade digital que se remete aos novos "*media*[1] eletrônicos" e essa noção "está diretamente ligada aos novos *media* digitais" que não são outros se não os suportes digitais: computador, *Notebook*, *Smartphone*, *Tablet*, *e-reader*, suportes interativos que permitem mais liberdade de ideias ao leitor, pois a informação passa a circular por novas vias de informações e a esta geração em que as informações estão em todos os lugares, simultaneamente, ao alcance de qualquer sujeito, o referido autor cognomina como *"'Todos-Todos'*, ou seja, uma forma descentralizada e universal (...) de circulação das informações", já Pinheiro (2014) denomina *"multissinóptico"*, lugar em que muitos observam muitos, constituindo, assim, em uma "rede" de multi-interação promovedora de comunicação, termos diferentes para uma mesma revolução interativa.

Dentro desse mundo digital, a *internet* tem se mostrado como uma inovação tecnológica bastante citada como proporcionadora de interação e, com o advento da *web 2.0*, conteúdos interativos foram criados dentro dos suportes digitais, esses incidem nos *blogs*, o *My Space,* o *Facebook,* o *Youtube*, o *Podcast*, são espaços que provocam o leitor, permitindo-lhe liberdade na publicação de outros conteúdos com objetivos diversificados. É uma modificação na comunicação, pois muitos produzem para muitos.

Pode-se ainda afirmar que a *web 2.0* é uma segunda fase na rede mundial de computadores, intensificando o processo de comunicação, opondo-se a *web 1.0,* na qual os sujeitos navegavam, exclusivamente, para busca de informação, como uma

[1] Lemos (1997) utiliza a palavra "media" referindo-se aos novos suportes digitais, no trabalho intitulado: ANJOS INTERATIVOS E RETRIBALIZAÇÃO DO MUNDO. SOBRE INTERATIVIDADE E INTERAFACES DIGITAIS.

espécie de biblioteca em que a liberdade do interlocutor limitava-se à aquisição do conteúdo procurado, enquanto a navegação na *web 2.0* permite participações e recepções ativas dos usuários, acesso à pluralidade de informações, com foco na interação. (PINHEIRO, 2014).

Assim, numa perspectiva histórica, salienta-se que a revolução Industrial propiciou o surgimento de novas tecnologias que foram desenvolvidas ao logo dos anos. Essa é uma afirmação tão repetida, quanto verdadeira e de caráter amplo. Essa amplitude se justifica se levarmos em conta a criação diversificada de aparelhos eletrônicos, dentre esses, o computador que condicionou o surgimento da *internet*, a qual favorecedora de novos hábitos e comportamentos na sociedade contemporânea, culminando em novas práticas sociais.

O grande símbolo dessa geração é sem dúvida o computador, que a princípio fora utilizado para cálculos científicos, entretanto *softwares* foram sendo desenvolvidos e suas funcionalidades aumentando consequentemente. Com efeito, o surgimento dos teclados por volta dos anos 60, uma ferramenta indispensável no ato de redigir textos, da microinformática, nos anos 70, a qual promoveu a difusão dos computadores com o objetivo de tornar a manipulação desses mais fáceis e interativas, a propagação do *mouse,* nos anos 80, que através de uma flecha viabilizou no monitor a operação virtual de janelas e ícones constituíram-se como processos facilitadores do acesso à informação por vias da interatividade. (LEMOS, 1997).

A propósito, mais tarde, a informática passou a ocupar uma gama de espaços, em especial, a área da comunicação foi se popularizando e povoando os lares de grande parte da população mundial, posteriormente outros aparelhos seguiram a mesma linha, tais como, os *smartphones, tablets* e leitores digitais. (LEVY, 1999). Na contemporaneidade, os novos suportes digitais assumem, demasiadamente, o papel disseminador de informações, o *Smartphone,* por exemplo*,* tem ocupado, sobremaneira, o lugar do computador.·.

Pode-se afirmar ainda que a cibercultura surgiu da propagação das tecnologias. Assim, Levy (1999) a define como um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modo de pensamento e de valores. Evidentemente, as novas tecnologias causaram impactos socioculturais no desenvolvimento das sociedades,

pois emergiram em meio a uma sociedade com valores, costumes e formas de comunicação tradicionais, propiciando uma mudança nas relações sociais e respectivamente nos espaços de difusão, possibilitando um estreitamento das relações de longa distância, como também as trocas de conhecimento entre os "conectados" dentro desse mundo virtual, de tal modo formou-se uma espécie de teia de trocas de informações por meio de comunidades virtuais que se diferem totalmente das formas antes existentes, graças as TDIC*.

Em consequência disso, vê-se, a todo instante, as mudanças comportamentais advindas da era digital, especialmente, no campo da leitura, uma vez que se criaram outras possibilidades de realização da mesma, já que os textos circulam em diversas plataformas de comunicação constituintes do ciberespaço definido por Levy (1999) como um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores, elegendo-se como uma prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, em que cada ser humano pode participar e contribuir. Por conseguinte, pode-se mencionar o estabelecimento do ciberespaço, nesse sentido, como um espaço democrático.

Atualmente, observa-se que o desenvolvimento e utilização das tecnologias e dispositivos eletrônicos continuam em crescimento, o ciberespaço conecta pessoas em todo mundo explorando as nuances multimodais[2] de forma interativa, através de comunidades virtuais ou não, propiciando a circulação de dados digitais de diferentes maneiras, permitindo o acesso a uma variedade de conteúdos como livros, artigos, jornais, revistas, contos etc.

Dentro das chamadas comunidades virtuais, as informações e conteúdos são acessados em um local virtualmente situado em determinado suporte, porém eles podem ser acessados em qualquer lugar do mundo, basta ser solicitado ou pesquisado. É essa facilidade de acesso que chama a atenção do leitor da cibercultura, os mais diversos conteúdos digitais textuais estão ao alcance da mão e podem ser acessados por meio de celulares, *tablets*, leitores digitais e computadores, de forma gratuita ou paga, a depender do conteúdo solicitado. Essas

[2] O que muitos autores chamam de multimodalidade, Rojo (2009), além do referido, utiliza também de outro termo denominado “semioses”: linguagem escrita com outras formas de linguagem, por exemplo, a imagem estática (gráficos, fotografias, desenhos), os sons da fala e da música e os vídeos.

novas ferramentas revolucionaram a maneira tradicional de enxergar apenas os livros, jornais e revistas impressos como objetos de leitura. (LEVY, 1999).

Embora os textos estejam sendo apresentados em outro suporte, a tela, e se apresentem com uma configuração diferente, não linear, continuam sendo lidos, as modalidades de leitura é que se transformam e consequentemente as relações do leitor com este novo suporte projetado para acomodar suas necessidades de acesso aos mais diversos conteúdos. Em essência, a tela ocasiona um espaço interativo, no qual o leitor pode opinar sobre determinado conteúdo publicado na rede, pois a virtualidade é de caráter participativo.

Assim sendo, sobre a reprodução e circulação dos textos digitais e a ruptura entre o digital e o tradicional, Buzato (2009) atado por de Landow (1997) afirma que os textos eletrônicos multilineares, ou hipertextos, produzidos, estocados e lidos em computadores e/ou redes telemáticas espacialmente distribuídas, enfraquecem o princípio da autoria, isso do ponto de vista dos autores, porém força ao leitor um papel mais ativo na construção dos percursos de leitura e, portanto, um maior grau de abertura para a construção de suas interpretações. Além disso, o fato de muitos desses textos estarem abertos à construção coletiva também é visto como um fator de fragilização do limite, mais facilmente imposto nos textos impressos, entre autor e leitor, ou entre leitura e escritura.

Diante do exposto, nota-se, ainda, que a interatividade presente na internet modificou as formas de ler, pois o ciberespaço não só liberta o sujeito no ato da leitura, porém também na escrita. Com os novos suportes digitais, a edição não é mais uma norma, e todos podem participar na produção e circulação da informação. Sendo assim, o sujeito pode ser autor-leitor de um determinado texto, isto é, ler e editar uma produção textual alheia, entretanto, no ciberespaço, é preciso saber navegar para não naufragar no mar de lixo, uma vez que essa liberdade pode levar o interlocutor à acessibilidade de textos com informações inverídicas.

Alterar, acrescentar e editar um texto alheio, são ações que fortalecem a ideia de que os leitores dos suportes antigos, certamente, não são os mesmos leitores dos suportes digitais eletrônicos, visto que a terceira revolução, a digital, proporcionou o diálogo com a técnica. Deve-se ressaltar que o leitor e a técnica

agem responsivamente de forma ativa, contribuindo no princípio interacional no qual o sujeito opera com o princípio de intencionalidade e a máquina com o princípio de aceitabilidade e vice-versa. Assim, “o objeto físico transformar-se num *‘objeto-quasi-sujeito’*, numa forma de ‘interlocutor virtual’”. (LEMOS, 1997, p. 4).

Nesta concepção, a interatividade digital, conforme aborda Lemos (1997, p3), consiste na relação do homem (leitor) com a máquina (suportes digitais), por meio da “‘zona de contato’ chamada de ‘interfaces gráficas’, em tempo real. “A evolução das interfaces gráficas mostra-se como um processo contínuo de melhoria do diálogo entre homens e máquinas digitais”. Ela “é causa e consequência da revolução da informática”. (LEMOS, 1997). A tecnologia digital possibilita ao usuário interagir, não mais apenas com o objeto (a máquina ou a ferramenta), mas com a informação, isto é, com o ‘conteúdo’”. A interação perde o sentido físico, partindo para o digital, a interação agora é com a novidade materializada virtualmente e textualmente.

Assim, o uso social das tecnologias digitais implica em localizar, selecionar, avaliar criticamente e atribuir significados às informações provenientes de textos construídos com palavras, gráficos, sons e imagens dispostos em um mesmo plano, empregando-as na leitura do mundo, na expressão do pensamento, na produção compartilhada de conhecimentos com o uso de diferentes tecnologias, mídias e linguagens. (ALMEIDA, 2007).

3.1 HIPERTEXTOS DIGITAIS

O texto eletrônico muda a dinâmica da leitura, pois agrega vários outros signos de outras modalidades de linguagem, como imagem, som, fala , ou ainda o vídeo que se configura com todos esses elementos, são várias as possibilidades. Rojo (2014) enfatiza que os textos digitais se organizam hoje quase sempre como hipertextos, isto é, apresentam *links* que interligam o texto de base a outros textos, imagens e áudios na *internet*. Assim, um texto hipermidiático remete-se não apenas a outros textos escritos, mas também a textos de outras mídias e

linguagens, pois a hipertextualidade articula-se com as diversificadas linguagens misturadas nos textos.

Para Lévy (1999) o hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido, composto por blocos elementares ligados por *links* que podem ser explorados em tempo real nos suportes digitais, ou seja, os hipertextos oferecem possibilidades de leitura de outros textos através dos *hiperlinks*. Nesse sentido, o ciberespaço oportuniza liberdade a qual se apoia em grande parte nos hipertextos, pois esses proporcionam a possibilidade do leitor escolher, na tela, a informação que diante de diversificadas informações atenderá aos objetivos impulsionadores da leitura realizada. Sendo assim,

> o hipertexto pode ser entendido como um texto exclusivamente virtual que possui como elemento central a presença de links. Esses links, que podem ser palavras, imagens, ícones etc., remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos a partir do que for acessado e, consequentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados através dos links. É um texto que se atualiza ou se realiza, se concretiza, quando clicado, isto é, quando percorrido pela seleção dos links. (Gomes, 2011, p. 15).

Esse posicionamento revela a ideia de que o hipertexto deixa o leitor livre, por conta da diversidade de *links* os quais funcionam como agentes que através de um clique levam os sujeitos a outros textos, consequentemente outros gêneros e outras linguagens, facilitando ou dificultando a procura das informações almejadas, pois "o espaço virtual do texto eletrônico opera em dimensões múltiplas (textuais, auditivas, visuais) simultâneas" (BELLEI, 2002, p. 85). Reafirmando o conceito de hipertextos apontado anteriormente, os hipertextos

> são informações textuais, combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a promover uma leitura(43) (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de "links". Os "links" agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações(44). (LEMOS, 1997, p. 7).

Diante de ambos os posicionamentos, observamos que Lemos (1997), assim como Gomes (2011), ratificam que o *link* é uma ferramenta da qual o hipertexto depende. Assim, de acordo com Gomes (2011), o termo *link* ou *hiperlink* foi cunhado por Ted Nelson em 1965 para o projeto *Xanadu* e a partir de então passou a ser usado como uma ferramenta inseparável dos hipertextos. Os *links* podem ser internos e externos ou verticais. Os *links* internos permitem a permanência do leitor

no próprio *site*, porém podendo ter acesso a outras páginas ou documentos dentro do mesmo site, já os *links* externos, quando o leitor dentro do *site* clica em qualquer *link*, é levado para fora do *site* em que se encontrava. (GOMES, 2011).

Os *links* funcionam como proporcionadores ao acesso das informações deslocadas do texto base. Dessa forma, não há hipertextos sem *links*, pois os *links* constituem-se como elementos indissociáveis do hipertexto, a sua ausência implica a não constituição do hipertexto como hipertexto, mas sim como texto. Assim sendo, "o *link* pode ser entendido como uma área dentro de um texto que é a fonte ou o destino da ação de clicar". (GOMES, 2011, p. 26). O clique possibilita a diversificação da pesquisa, a conexão do leitor com outros textos que podem ser imagens, ícones, palavras, bem como escolha do que realmente interessa na leitura, ocorrendo, neste caso, uma liberdade.

Essa liberdade precisa ser questionada, pois esse suporte virtual trará confirmações possíveis para outros textos, ou seja, nem sempre os textos propiciados por essa interatividade serão necessários, nesse caso, a determinação da necessidade partirá do leitor, especificamente dos seus objetivos de leitura, ampliando sua responsabilidade, pois será obrigado a ter objetivos claros, estar consciente de sua pesquisa, ao contrário a navegação poderá levá-lo a resultados inesperados, ao insucesso da pesquisa. Nesse sentido, o hipertexto tanto pode ser considerado como um espaço no qual dispersa a atenção do leitor "que é agora convidado a explorar rotas de sentido justapostas e heterogêneas, e a organizar tal informação em uma forma de conhecimento que tende a ser não-linear e marcada pela interdisciplinaridade." (BELLEI, 2002, p. 103).

Deve-se ainda ressaltar que os hipertextos podem ser lineares e não lineares e essas ações dependerão, exclusivamente, da posição dos *links* no texto, pois há *links* que permitem a passagem da primeira página para segunda, numa progressão sequencial, assim como existem *links* que permitem o salto pelo hipertexto, possibilitando ao leitor, a busca do que lhe for necessário ou preferido.

> Quando o texto de destino substitui o da página de partida, ele possivelmente implicará leitura linear e o leitor terá menos chances de se perder no hipertexto. Já quando os documentos ou páginas são superpostos, abrem-se janelas que vão se acumulando no navegador deixando-o cada vez mais lento. Além disso, se o leitor desejar retornar à primeira página que leu, muito provavelmente se perderá na fileira de páginas abertas. (GOMES, 2011, p. 42).

Assim, podemos salientar que o hipertexto permite a construção textual de forma alternativa, possibilitando uma maior exploração do meio digital através dos *links*, porém muitos leitores se perdem na leitura do hipertexto por não estarem habituados com essa modalidade de escrita, assim faz-se necessário que esse leitor não hábil utilize, para tanto, de hipertextos mais simples, depois o mesmo pode ir avançando conforme a necessidade de leitura, consistindo como uma espécie de aprendizado hipertextual. O mais indicado para esses leitores inexperientes é o hipertexto sequencial, pois haverá, apenas, uma mudança de páginas sem desvios de rotas, é uma forma de adequação do hipertexto ao leitor.

Cabe ressaltar ainda que os hipertextos sequenciais são os mais semelhantes aos textos impressos, como, por exemplo, os jornais, livros, e revistas que 'já vêm escritos', nesses, os leitores podem ir e voltar numa linearidade textual, porém há outros hipertextos que exploram os recursos favorecidos pelo espaço cibernético, inserindo outras linguagens como sonora e imagética e ainda permitem que o autor e o leitor ou leitores interajam numa diversão audiovisual "através da participação direta na construção de textos por meio de *links* para comentários ou para escrita colaborativa. A *Wikipédia* e o *Google Docs* são exemplos dessa possibilidade". (GOMES, 2011, p. 47).

O hipertexto, além de sequencial, quanto à sua estrutura e flexibilidade de navegação, pode ser classificado em mais três tipos: hierárquico, reticulado e em rede. Sendo assim, "No modelo hierárquico, há uma entrada principal para o documento e, através dela, o leitor tem acesso a vários arquivos num mesmo nível hierárquico (no modelo sequencial)". (GOMES, 2011, p. 49). Esse modelo difere pouco do sequencial, constata-se a existência de um *link* que depois de clicado leva o leitor a textos sequentes hierárquicos, o leitor acaba não saindo da linearidade. Por outro lado, "o modelo reticulado permite maior liberdade de acesso, porém não integra todos os documentos" (GOMES, 2011, p. 49), visto que alguns documentos só podem ser acessados por interferência de outros. Por fim,

> o modelo em rede é descentralizado e não é hierárquico; neste modelo todos os documentos podem ser acessados a partir de qualquer ponto. Na verdade, esse modelo é o mais idealizado de todos, isto é, o menos real, uma vez que os sistemas hipertextuais tenderão sempre a ter documentos, não há por que linkar tudo a tudo, embora teoricamente isso seja possível. (GOMES, 2011, p. 51).

Compreende-se, a partir disso, que o uso do hipertexto depende da necessidade do leitor, de sua acessibilidade, podendo, dessa forma, o mesmo utilizar vários *links* simultâneos, desde que dê conta dos diversificados documentos que se virtualizarão em sua frente, seja através da linguagem verbal escrita, sonora, imagética ou todas essas concomitantemente.

3. 2 CIBERESPAÇO: OS GÊNEROS DIGITAIS

Vivemos em um mundo digital e as Tecnologias da Informação e Comunicação por via da *Internet* têm contribuído, sobremaneira, na acessibilidade e promoção à leitura, uma vez que a *internet* é próspera à criação de suportes (virtuais) de leitura ou não, nos quais permitem a distribuição de gêneros diversificados a todos pretendentes a informatização.

> A informação circula por todo o mundo ao acesso de um clique. As TICs proporcionaram rapidez e agilidade à disseminação de notícias, fatos e teorias. As comunicações tornaram-se instantâneas. A ampliação e a valorização da diversidade mundial, a partir do século XIX, tornaram o crescimento dos conhecimentos técnicos e científicos incontrolável. (FAGUNDES E HOFFMAN, 2008, p.2).

Desse modo, o sujeito mune-se de possibilidades de leituras, não tendo em mãos, apenas, uma obra contendo um gênero único ou gêneros limitados, tal como ocorre numa obra impressa ou nos suportes materiais antigos, entretanto o leitor possui um suporte libertador, intergenérico. A informação ou texto pode permanecer por tempo indeterminado nesses espaços cibernéticos e o leitor pode acessar quando quiser, por exemplo, em *blogs ou wikis* os quais são considerados ambientes virtuais de aprendizagens ou poderão ser discutidas através dos "suportes de recursos digitais como fóruns, listas de discussão de *e-mail*, etc". (FAGUNDES E HOFFMAN, 2008).

É importante salientar que os gêneros de modo geral podem aparecer nos dois suportes, tanto digital, quanto impresso, existe uma variedade deles que são utilizados no nosso cotidiano, temos como exemplos: o noticiário, resumo, carta, revista, literatura, ofício, atualidades, autoajuda, religiosos, textos instrucionais,

artigo, telefonema, reportagem, relatório, seminário, entrevista, palestra, biografia, diário, enciclopédias etc.

Os gêneros textuais/orais da cultura impressa são diversos, eles podem aparecer tanto sozinhos, ou compor outros gêneros, são utilizados conforme ambiente e situação comunicativa. Segundo Marcuschi (2002):

> Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidos por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2002, p. 23)

É evidente que os gêneros com o passar do tempo e da situação histórica podem sofrer modificações, como também outros gêneros podem surgir a depender do momento social e das situações de comunicação, há uma variedade de gêneros digitas que surgiram a partir de uma nova forma de cultura, a cultura digital.

A multimodalidade caracteriza os gêneros digitais, as múltiplas linguagens presentes desperta interesses nos leitores e contribuem para a construção dos significados a partir dos textos disponíveis ou disponibilizados pelos leitores nesses espaços da *internet*, pois, conforme salienta Cope e Kalantzis, “em um profundo sentido, toda construção de significado é multimodal” (COPE; KALANTZIS, 2000, p.29 *apud* PINHEIRO, 2014, p. 150). Assim ratifica Rojo (2012, p. 147), “Os diferentes gêneros de texto organizados por diferentes modalidades de linguagem, verbal escrita, verbal oral, não verbal, imagética e sonora etc., denominados de gêneros multimodais”.

Sobre esse fenômeno, Marcuschi (2002) salienta que hoje em dia essa nova situação social, em que vivemos, denominada de cultura eletrônica, com o surgimento de aparatos tecnológicos como o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, acesso a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e consequentemente permitem novas formas e situações de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

Segundo Marcuschi (2010), uma diversidade de gêneros emergiu das plataformas digitais, o autor lista os mais conhecidos e utilizados, entre eles se destacam o *e-mail*, *chat* e suas ramificações que originaram outros gêneros, como,

por exemplo, a entrevista, videoconferência, lista de discussão, *web blog* e endereço eletrônico.

O *e-mail* é uma espécie de correio eletrônico com interface padronizada, é amplamente utilizado no universo cibernético resultando em um gênero digital, está, hoje, entre os mais praticados no ato da escrita, há também o *e-mail* educacional (aula virtual), forma de interação com o número limite de alunos, e os *e-mails* pessoais e publicitários. Dessa forma, o *e-mail* se caracteriza como veículo de informação funcional, no qual ocorrem práticas de escrita e leitura, funcionando como um agente que comporta gêneros diversificados, por via da circulação da escrita.

Já o *chat* ou sala de bate papo disponibiliza espaços de comunicação, salas em que inúmeras pessoas interagem em simultâneo no mesmo ambiente. Há várias modalidades de *chat:* aberto, privado, reservado, agendado, *chat* educacional, aula chat e etc. Cada uma possui características diferentes e se configuram, portanto como gêneros diferentes, são utilizadas conforme a necessidade do internauta.

A entrevista é outro gênero comum, o diálogo acontece por meio de perguntas e respostas entre entrevistador e convidado, essa forma de interação se chama *entrevista com convidado,* o mediador seleciona as perguntas enviadas pelos internautas que acessam para que o entrevistado possa responder, todos podem ler as respostas, a entrevista pode compor outros gêneros, por exemplo, os noticiários *on-line*, em que o entrevistado responde perguntas enviadas pelos leitores.

Marcuschi (2010) elenca também como um gênero a videoconferência, é interativa e se assemelha a uma interação real, é possível ver o outro e ouvi-lo e vice-versa. A escrita, nesse gênero, é utilizada com menor intensidade. É frequentemente utilizada em ambientes educacionais e empresariais, possui temas fixos e participantes definidos.

Há também as listas de discussões, este gênero se assemelha ao bate papo, porém a troca de mensagens é realizada via *e-mail* entre todos os membros do grupo, tem tema e público específico, sendo mediada por um responsável que seleciona o tema e direciona as mensagens e informações úteis ao grupo.

Por último, mas não menos utilizado, temos o *weblog* (*blogs*, diários virtuais), a palavra *blog* é o termo popular e abreviado de *Weblog*, segundo Sartori Filho (apud MARCUSCHI, 2005, p. 60), trata-se de “um diário eletrônico que as pessoas criam na *Internet*”, esse permite ser criado e atualizado a qualquer momento, nos mais diversos aparelhos eletrônicos, os usuários desse tipo de gênero escrevem sobre temas variados, disponibilizam informações, dicas, já outros escrevem sobre coisas que acontecem em seu dia a dia.

Por outro lado, Marcuschi (2010), ainda em seus estudos sobre gêneros emergentes no espaço virtual, desconsidera como gêneros: *home page, hipertextos e jogos interativos,* o primeiro não se configura como gênero devido a sua forma de catálogo, ou espécie de uma vitrine pessoal ou institucional; o segundo porque é um modo de produção textual o qual pode se estender a todos os gêneros atribuindo-lhes neste caso algumas propriedades específicas; o terceiro envolve ações mais complexas nas quais envolvem diversos gêneros na sua configuração.

3.3 VIDA EM REDES SOCIAIS

Já destacamos o quanto os avanços tecnológicos das últimas décadas propiciou a invasão da *internet* na vida dos seres humanos, principalmente com a popularização das redes sociais, hoje as navegações nessas comunidades virtuais são partes do nosso cotidiano, fazemos uso delas em diversos momentos e situações; este novo comportamento está modificando as relações sociais, a maneira como lidamos com o outro e com o mundo.

A agência de pesquisa e *Marketer* (2016), concluiu que nós, brasileiros, somos os principais usuários de redes sociais em toda a América Latina, somos o país com mais usuários do continente, com um total de 93,2 milhões até o final de 2016, obviamente esse número vem aumentando nos últimos meses. O *facebook* aparece como a rede social mais utilizada em todos os países, porém há outras que se destacam, como o *Whatsaap, Messenger, Instagram, Twitter, Google+, Snapchat* etc.

Importante salientarmos que as redes sociais, independente de como se apresentam e se configuram, agregam uma diversidade de gêneros em suas plataformas, não são meras comunidades de relacionamento, servem como uma espécie de suporte que abriga texto verbais e visuais, além de escritos (verbos-visuais). Marcuschi (2003) reflete sobre a adaptação e maleabilidade dos gêneros no mundo tecnológico:

> Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2003, p. 19)

Como visto, os gêneros textuais fazem-se presentes nas redes sociais no mundo digital, essas plataformas que nos permitem compartilhar os mais variados tipos de mídias, além de suas funcionalidades principais, a comunicação e interação com outro, desse modo, as redes se tornaram um instrumento poderoso utilizado mundialmente.

3.4 DENTRO E FORA DA ESCOLA: LEITURA NO ESPAÇO CIBERNÉTICO

A representação das manifestações humanas desemboca no termo cultura, logo a cultura é o lugar de circulação da informação e disseminação de aprendizados, “a cultura digital é a cultura de rede, a *cibercultura*, que sintetiza a relação entre a sociedade contemporânea e Tecnologias da Informação (TIs)”. (FAGUNDES E HOFFMAN, 2008, p.1). Sendo assim, é relevante tecermos algumas abordagens acerca da manifestação da cultura digital no recinto escolar, bem como a relação dos envolvidos nesse espaço com as tecnologias digitais da informação e comunicação, pois a escola é um espaço, constantemente citado como lugar de práticas de letramento, lugar de interação, o local em que prepara os sujeitos para as diversas práticas sociais, visto que os sujeitos estão sempre inseridos em um determinado contexto em que aprendem a partilhar seus conhecimentos com os indivíduos que fazem parte desse grupo.

Assim sendo, o mundo digital é uma realidade a qual nos deparamos contemporaneamente e a escola precisa se adequar a essa novidade, inserindo o alunado no espaço cibernético, para que esse possa participar das práticas de multiletramentos, atendendo a demanda social, uma vez que os adolescentes em sua grande parte já se encontram imersos na era digital em “uma rede na qual, neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores interconectam, transformam e traduzem as representações” (LÉVY,1993, p.135).

Deve-se ressaltar que as escolas encontram-se amparadas pelas tecnologias, pois a maioria possui laboratório de informática com *internet*, o problema centra-se em como as práticas de multiletramentos são realizadas, se são concretizadas, de que forma acontecem, e mais importante, se o corpo docente visualiza a *internet* como um espaço de leitura multimodal em que os sujeitos têm acesso à pluralidade de gêneros que os levam a outros gêneros através dos hipertextos.

O uso das tecnologias digitais, nas escolas, não tem se restringido a sala de informática, mas essas também têm sido usadas nas práticas das salas de aula. Segundo Pinheiro (2014), não se nega o uso das tecnologias digitais (computadores) por alguns professores na sala de aula, no entanto esse uso tem sido exclusivamente para pesquisas em uma das mídias sociais corporativas o *Google* e para a edição de textos no *Word,* cerceando a exploração atrelada aos suportes digitais (virtuais) os quais os aprendizes dominam com mais perfeição e conhecimento do que os próprios professores.

Podemos ratificar ainda que a existência de uma sala de informática na escola não garante a inclusão dos sujeitos na cultura digital, visto que para o aluno está de fato inserido no contexto cibernético é preciso mais que uma atuação em um suporte digital virtual, mais que fazer uma pesquisa na ferramenta *Google*.

> Dentro dessa perspectiva, incluir digitalmente é possibilitar acesso as TIs e a Internet para que a tecnologia e a rede de computadores passem a fazer parte da realidade do indivíduo ou da instituição beneficiada. Entretanto, inclusão digital não pode ser restrita a acesso: incluir é envolver, inserir e relacionar; é fazer parte, é causa e efeito; é possibilitar o acesso à informação bem como à produção de informação. (FAGUNDES E HOFFMAN, 2008, p.4).

Estamos imersos no mundo digital que não se restringe a um espaço e tempo, os sujeitos não precisam estar na escola para ler algum gênero textual, eles podem ter acesso a qualquer texto através de seus suportes digitais matérias móveis, tais como *smartphone, tablet, e-read*. “O uso dessas TDIC permite estabelecer relacionamentos e conexões entre distintos contextos de práticas sociais, aninhados em diversos suportes digitais (textos, imagens, vídeos, áudios, hipertextos...)” (ALMEIDA E SILVA, 2011, p. 4).

Se fora da escola, os indivíduos podem explorar seus suportes digitais materiais que os levarão aos suportes digitais virtuais, as ferramentas características da *Web 2.0*, jogos eletrônicos, dentre outros, percebe-se que as tecnologias estão inseridas na cultura das pessoas, como resignificadoras de práticas sociais (ALMEIDA E SILVA, 2011) e se o uso dessas ferramentas digitais permite que o sujeito pesquise, se informe e interaja, dessa forma, a leitura passa a ter funcionalidade, pois está estabelecendo conexão com a vida dos sujeitos, constituindo-se como um projeto existencial, não somente educacional.

3. 5 INFOCENTRO: ESPAÇO DE PROMOÇÃO A CIBERCULTURA

Todo esse bombardeio tecnológico juntamente com a popularização da internet possibilitou a criação de locais que viabilizam o acesso a conteúdos digitais nas comunidades, os chamados Infocentros/telecentros, mas o que é exatamente um infocentro? Elisabeth Gomes (2002, p.7) define telecentro como “um lugar físico, de fácil acesso público, que oferece gratuitamente serviços de informática e telecomunicações, num contexto de desenvolvimento social, econômico, educacional e pessoal”.

É um espaço público equipado com cerca de 10 a 20 microcomputadores, com *softwares* livres e conectados à *Internet* disponíveis para o uso da população, ou para desenvolvimento de trabalhos comunitários na região onde estes espaços estão implantados, podendo também ser utilizado para estudar, trabalhar, buscar entretenimento e se comunicar. Delgadillo (2002) detalha que:

> Os telecentros comunitários são iniciativas que utilizam as tecnologias digitais como instrumentos para o desenvolvimento humano em uma comunidade. Sua ênfase é o uso social e a apropriação das ferramentas tecnológicas em função de um projeto de transformação social para melhorar as condições de vida das pessoas. (...) Nos telecentros comunitários formam-se facilitadores/as e promotores/as comunitários/as não só em aspectos técnicos de informação e comunicação como também em usos estratégicos das tecnologias digitais para a mudança social. Os telecentros comunitários são locais de encontros e intercâmbio, espaços de aprendizagem, crescimento pessoal e mobilização para resolver problemas e necessidades da comunidade (DELGADILLO e outros, 2002, págs. 8 e 9).

Como vimos, o objetivo principal da implantação dos Infocentros é possibilitar o acesso do cidadão, especialmente à parcela da população que tem dificuldades de acesso ao ciberespaço. Os infocentros oportunizam a construção da cidadania digital, inserindo as comunidades na sociedade da informação, melhorando as condições de vida e o desenvolvimento de habilidades digitais.

3.6 O LUGAR DA *LAN HOUSE* NA ERA DIGITAL

Segundo *o Dicionário de Anglicismos e de Palavras Inglesas Correntes em Português (2006) Lan House* significa loja, galeria etc. que dispõe de computadores para acesso à *internet* mediante pagamento pelo tempo utilizado. Considerado como um espaço de inclusão digital, as *Lanhouses*, assim que surgiram, segundo a TIC-*Lanhouses* (2010), representaram uma oportunidade para a participação cidadã e para o trânsito no mundo cultural, educacional e de lazer, por meio das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Esse tipo de serviço se popularizou entre a parcela da população que não tinha acesso à *internet* em seus domicílios, a procura maior se deu pelo acesso a games, serviços de impressão, pesquisas escolares e acesso a redes sociais. Uma pesquisa sobre o uso das TICs no Brasil (TIC *Lanhouses* – 2010) revelou que:

> (...) esses estabelecimentos desenvolveram-se principalmente nos locais onde a população do país é mais carente de acesso à infraestrutura da Internet e, por consequência, está privada de todos os benefícios oriundos do seu uso. Prova disso é a experiência de uso nas lanhouses ser muito mais incidente nas faixas menos escolarizadas da população e nas camadas desfavorecidas

> economicamente: classes sociais mais baixas e faixas de renda inferiores. (TIC Lanhouses, 2010.p.18)

Compreende-se, a partir disso, que as *Lanhouses,* durante um período considerável, se consolidou como um espaço em que muitos utilizavam para navegar no ciberespaço, todavia com o crescimento do poder de compra da classe C, (classe que mais utilizava esse tipo de serviço) muitas famílias passaram a adquirir produtos considerados de difícil acesso pelo valor elevado, incluindo dispositivos digitais como o computador em suas casas e contratando serviços de *internet*. A *Lan House*, que outrora permitiu a inclusão digital dessa população, inevitavelmente sentiu os efeitos desta nova realidade, sofrendo uma redução significativa no número de usuários, embora existam alguns usuários que além de terem acesso em casa frequentam as *Lanhouses* em busca de serviços de impressão e um computador mais potente, no caso de uso para games.

4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS: ESPAÇOS E POPULAÇÃO

A partir dos dados coletados, considerando os objetivos deste trabalho, são apresentadas as análises dos questionários/formulários aplicados, nos espaços selecionados, e seus respectivos internautas, sendo estes: as empresas responsáveis pelo fornecimento de *internet,* no distrito, e seus representantes; o Infocentro e seus usuários; a população em geral, selecionada, aleatoriamente, na Feira Livre; a *Lan House* e os professores das escolas, conforme o disposto a seguir.

4.1 DISSEMINÇÃO DE *INTERNET* NO DISTRITO: PERSPECTIVA DAS EMPRESAS

Discutindo sobre ferramentas tecnológicas que dispõem de acesso à *internet* e apropriação das mesmas no distrito de Junco, faz-se pertinente situarmos como ocorre a disseminação da internet no lócus desta pesquisa. A transmissão de internet no distrito é prestada através de duas empresas, *Technet e Rc Telecom*, sendo disponibilizada tanto via cabo, para os locais que fazem parte do domínio urbano, quanto via rádio, através de uma antena receptadora de sinal, para os locais mais distantes, concentrados na zona rural.

Segundo dados fornecidos pela empresa provedora de *internet Technet*, que possui uma rede baseada em fibra-óptica e rádio, estão cadastrados na forma de transmissão via cabo 500 usuários e mais 55 usuários na forma de transmissão via rádio.

A *Rc Telecom* é outra empresa que também atua no fornecimento de *internet* do distrito, conta com transmissão de *internet* via rede de fibra-óptica e também via rádio, são cerca de 150 usuários cadastrados na transmissão via cabo e 28 via rádio.

Por conseguinte, contabilizamos através dos dados fornecidos pelas duas empresas, anteriormente, citadas, o total de 733 usuários de *internet* via cabo e

rádio, sendo especificamente 650 via cabo e 83 via rádio, um número considerável em relação ao total de habitantes do distrito, sendo que estes usuários pela lógica representam uma unidade familiar na qual os membros também utilizam a *internet* fornecida.

Assim, temos uma dimensão da difusão da *internet* no distrito e consequentemente da aquisição pela população de aparelhos tecnológicos que suportam o uso de *internet*, os usuários podem utilizar esses aparatos como suportes de leitura, de disseminação e escrita de textos em redes sociais, como também o uso de diversos aplicativos ligados ou não a funções educativas, enfim nas mais variadas tarefas que necessitar.

4.2 O (NÃO) LUGAR DA *LAN HOUSE* COMO ESPAÇO DE PROMOÇÃO À LEITURA DIGITAL

Partindo das informações acerca da *internet*, a *Lan House* foi um dos espaços também selecionado para a realização desta pesquisa, situada na Praça Antônio Alves da Silva, centro de Junco, o estabelecimento encontra-se equipado com quatro computadores para uso da população do distrito, mediante pagamento.

Assim como os outros espaços escolhidos para o levantamento de dados referentes à pesquisa de campo, disponibilizamos os formulários no local, totalizando o número de 20 fichas, ao intervalo de 15 dias retornamos a *lan house* e constatamos que o levantamento de dados não tinha sido bem sucedida porque o público frequentador deste espaço, diferente do que supomos afinal a *lan house* é (era) também espaço de pesquisa, leitura de textos e acesso a diversos conteúdos, utiliza-o com outro objetivo não atendendo ao questionário disponibilizado.

Resta-nos questionar: Qual o lugar da *lan house* na cibercultura? Se essa pergunta fosse feita há uma década, as conclusões seriam bem diferentes da realidade atual, naquela época as *lanhouses* estavam em alta e eram a principal forma de inclusão da população no mundo digital.

No Brasil, em 2007, a Cetic apurou que 49%, dentre cem indivíduos entrevistados, acessavam a *internet* através de centros de acesso pago, *lan house, cyber café* e similares e 40% acessavam em casa; a mesma pesquisa recente realizada em 2016 apontou que 12% dos usuários se conectam a *internet* em centros de acesso pago e 92% acessam em casa. Esses dados nos dizem muito sobre a decadência das *lanhouses* e de como elas perderam espaço devido à acessibilidade dos serviços de *internet* a domicílio.

Entretanto, há outra questão importante relacionada a esta queda, o acesso a dispositivos digitais se tornou realidade para as classes sociais mais baixas, através da redução nos valores dos mesmos, segundo dados da Cetic 2016, o número de usuários de *internet* por dispositivo no Brasil, sendo que cada usuário pode utilizar mais de um dispositivo, foi de 93% para *smartphones*, 35% computador de mesa, 35% *notebook* e 16% *tablet*.

A principal funcionalidade da *lan house* em seus primórdios era oferecer o acesso à *internet* e a seus diversos conteúdos como redes sociais, as famosas salas de bate-papo e/ou *chats*, pesquisas, jogos e outros. *Na lan house* em questão, no distrito de Junco, a principal função hoje é oferecer serviços de digitação, impressão, Xerox e uso para *games on-line* em número reduzido, assim sendo, o questionário revelou um outro perfil de usuários da *lan house*, no entanto, a não obtenção de dados foi importante para refletirmos sobre os motivos que levaram-na a este patamar.

Diante dos dados expostos, percebe-se que o aumento no número de contratos de serviços de *internet* domiciliar está proporcionalmente ligado à apropriação de dispositivos tecnológicos, os computadores de mesa e os aparelhos portáteis como *notebook*, *tablet* e *smartphone.* As pessoas deixaram de utilizar os serviços oferecidos pela *lan house* já que agora os possuem em casa e ao alcance de suas mãos, desde então, no decorrer dos anos, vários centros de acesso pago reduziram significavelmente o número de equipamentos, buscaram alternativas para continuar em funcionamento disponibilizando outros serviços, ou fatalmente fecharam as portas.

4.3 INFOCENTRO: ESPAÇO DE INTERAÇÃO DIGITAL

O Infocentro, localizado no distrito, é um espaço que atende um público diverso, ou seja, qualquer cidadão poderá fazer uso de seus computadores eletrônicos basta fazer um cadastro. Caso o usuário tenha idade inferior aos nove anos de idade, precisa estar acompanhado dos pais ou responsáveis para o cadastramento e portando um dos documentos, como RG, CPF ou Certidão de nascimento, já o usuário acima de nove anos de idade não precisa dos responsáveis para cadastrar-se, basta comparecer portando um dos documentos citados.

A amostra está caracterizada da seguinte forma: 53% do sexo masculino e 47% do sexo feminino. A maioria dos entrevistados de ambos os sexos são de faixa etária de 15 a 22 anos, outros estão permeando os 23 a 35 anos. Vale destacar que 36% dos questionados residem na zona rural e 64% na Sede. No que tange a escolaridade, 35% dos informantes possuem Ensino Fundamental incompleto, 35% Fundamental completo, 15% Ensino Médio incompleto e 15 % Ensino médio completo.

Para tanto, em prol de uma melhor disseminação dos dados levantados e analisados, utilizamos gráficos auxiliadores na compreensão desta pesquisa. Sendo assim, uma das primeiras indagações foi em relação à frequência com que os sujeitos utilizavam o Infocentro, conforme o gráfico 1, a seguir.

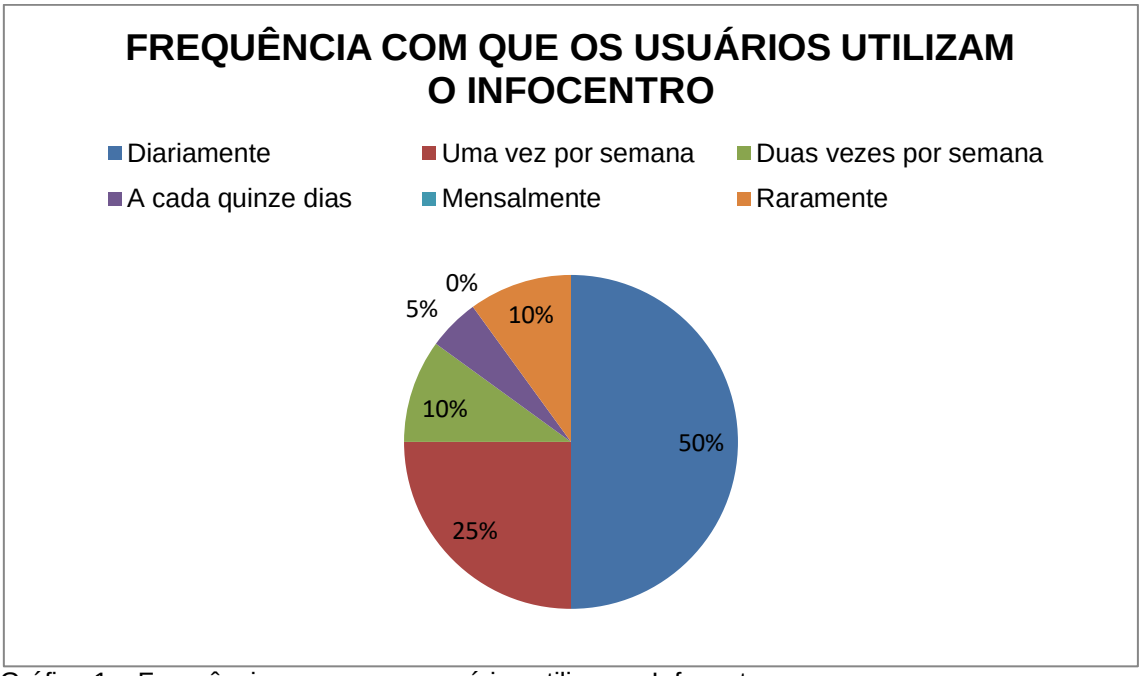

Gráfico 1 – Frequência com que os usuários utilizam o Infocentro

O gráfico 1 apresenta a assiduidade (em porcentagem) dos sujeitos no supracitado espaço. Sendo assim, o gráfico indica que o maior número dos entrevistados frequenta diariamente, a grande parte desses é de Ensino Fundamental completo, por sua vez, a segunda maior fatia representa os usuários que vão a este espaço uma vez por semana. A maior parte desses sujeitos é de Nível Fundamental incompleto.

Os que visitam diariamente não têm acesso à *internet* em casa ou em outro recinto e nem possuem suportes digitais para tal, em contraste, os que vão raramente, duas vezes por semana e a cada quinze dias possuem algum suporte digital com acesso à *internet* em casa, por outro lado, quem frequenta uma vez por semana são os residentes na zona rural que também não dispõem de ferramentas digitais.

Conforme o disposto no gráfico 1 e o que Delgadillo (2002) ratificou na subseção 3.5, percebe-se que o infocentro cumpre sua função social, quando possibilita a apropriação das ferramentas digitais, melhorando as condições de vida de quem não tem acesso à informação, em casa, por meio dos suportes digitais.

A seguir, é apresentado o gráfico informando os conteúdos mais acessados neste espaço de promoção à leitura digital.

Gráfico 2 – Os conteúdos mais acessados no Infocentro

O gráfico 2 exibe a porcentagem dos conteúdos mais acessados, atribui-se o segundo lugar aos *sites* educacionais. Nesse sentido, seis por cento dos entrevistados dirigem-se ao Infocentro somente para acessar sites educacionais, desta forma esse local constitui-se segundo Delgadillo (2002) como um espaço de aprendizagem e crescimento pessoal. Esses sujeitos possuem Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio incompleto e não dispõem de suportes digitais fora desse recinto, frequentam diariamente e uma vez por semana, alguns são da Zona Rural.

Os outros quatorzes interrogados, de Ensino Médio e Fundamental incompleto em sua maior parte, acessam redes sociais, *You Tube*, jogos, música e casualmente acessam sites educacionais, livros digitais e noticiário *on-line*, esses vão raramente, duas vezes por semana, a cada quinze dias, pois a maioria deles possui dispositivos com acesso à *internet*. É possível que, nenhum dos sujeitos marcou verbetes como um dos conteúdos acessados por desconhecimento do significado do termo.

Diante do exposto sobre os conteúdos mais acessados, infere-se que o *You Tube* lidera devido à sua característica multimodal. Por outro lado, de uma forma geral, é evidente que os dispositivos do Infocentro promovem o contato do homem com a máquina, através do que Lemos (1997) nomeia de *media digitais,* o computador, que possibilita essa interatividade digital. Desse modo, repaginando o

que foi dito na subseção 3.2, o sujeito já não tem uma possibilidade de leitura, mas várias, de modo a assegurar o acesso a gêneros diversificados com informações disponíveis a qualquer momento.

Partindo dos dados do gráfico anterior, desembocamos nos gêneros digitais mais lidos pelos sujeitos, conforme mostra o gráfico seguinte.

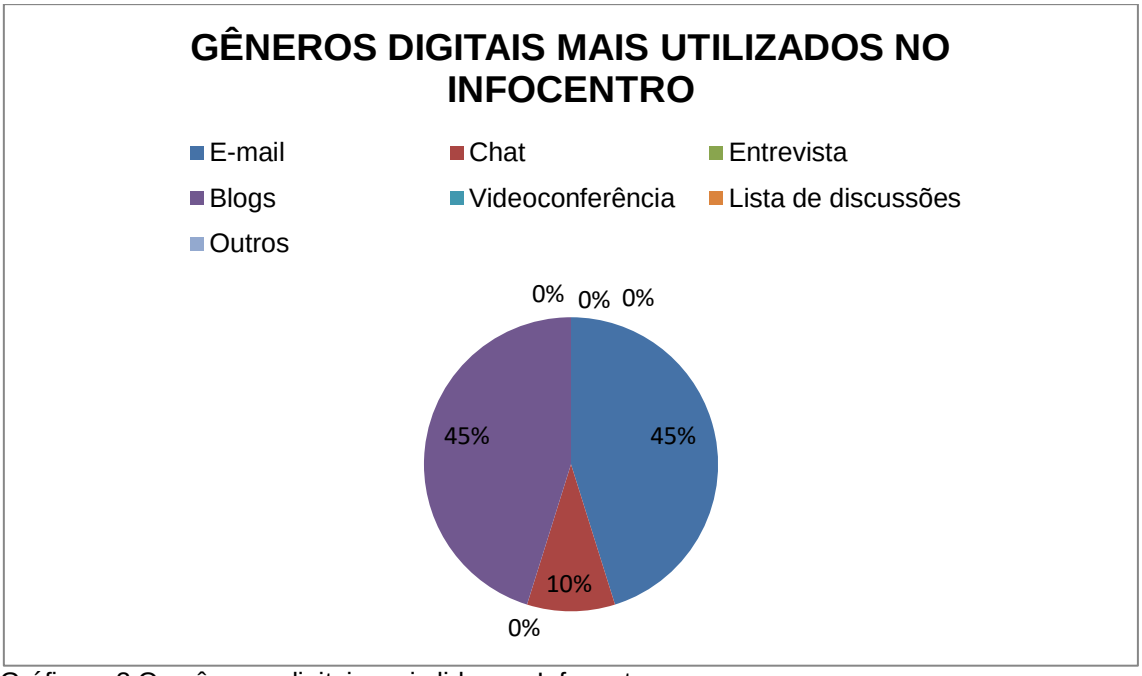

Gráfico – 3 Os gêneros digitais mais lidos no Infocentro

De acordo com Marcuschi (2010), não podemos negar a multiplicidade de gêneros emergentes nos suportes digitais, por meio da ferramenta supracitada denominada *Internet*, no entanto, é sabido que assim como surgem gêneros diversos, outros gêneros múltiplos deixam de ser utilizados porque não atendem aos interesses/objetivos de alguns sujeitos imersos à cibercultura, em conformidade com o disposto no gráfico 3 em que a entrevista, a lista de discussões, a videoconferência cuja linguagem atende a um grupo específico, zeraram em porcentagem, neste espaço.

Em consonância com a abordagem de Marcuschi (2010), por conseguinte o *e-mail* continua sendo um gênero dentre os mais praticados na cibercultura desse espaço, com tal característica os *Blogs* também são muito visitados e o *Chat* também ainda se constitui como um aparato de interação de pessoas, como assegura o gráfico 3.

Diante do exposto sobre os gêneros digitais, o gráfico a seguir aponta os gêneros textuais que se virtualizam no meio digital.

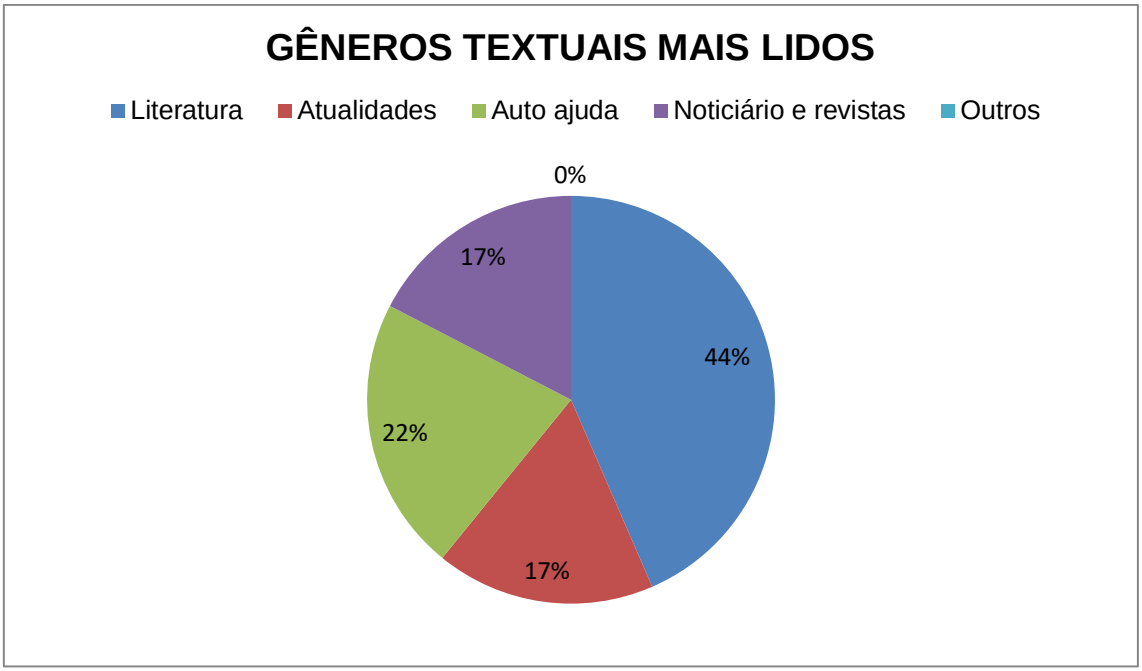

Gráfico 4 – Os gêneros textuais mais lidos nos suportes digitais do Infocentro

O gráfico 4, conforme já mencionado, denota a incidência dos gêneros mais lidos pelos interrogados. O gráfico 4 mostra que entre os gêneros textuais mais lidos a literatura lidera, estando em consonância com os conteúdos mais acessados na *internet*, como os livros digitais que representam o terceiro lugar em conteúdos, conforme o disposto no gráfico 2. A maioria dos que leem literatura nos suportes digitais do Infocentro afirma possuir *Internet* em casa, o que é questionável, pois se tem acesso à *internet* em casa e dispõe de tecnologia para a realização da leitura, não sabemos o porquê de ler nas máquinas do Infocentro.

Outro dado que pode ser questionado representando a porcentagem de 17% nesse gráfico 4 é o dos noticiários e revistas, esse questionamento ocorre na medida em que todos entrevistados nos quais elegeram esses gêneros como mais lidos, não elegeram como conteúdos mais acessados os Noticiários *on-line*, por outro viés, consideramos que esses sujeitos tenham acessado os noticiários e as revistas por meio do *You Tube*, já quem lê atualidades e autoajuda, são aqueles que acessam conteúdos em sites educacionais e no referido *You Tube.*

Os gêneros abordados respectivamente, de acordo com Marcuschi (2002), são textos materializados e encontrados em nosso cotidiano, tanto podem ser

veiculados por meio dos suportes digitais, de forma intergenérica, nos gêneros digitais *webblog*, listas de discussões, *chat* e *e-mail*, entre outros; como no suporte papel.

Sendo assim, vamos ao (s) objetivo (s) de leitura no suporte digital, por meio dos dados expostos no gráfico posterior, considerando que basta uma tela iluminada com dispositivo com *internet* para partirmos em busca da informação que atenda aos nossos interesses e aos nossos objetivos de leitura.

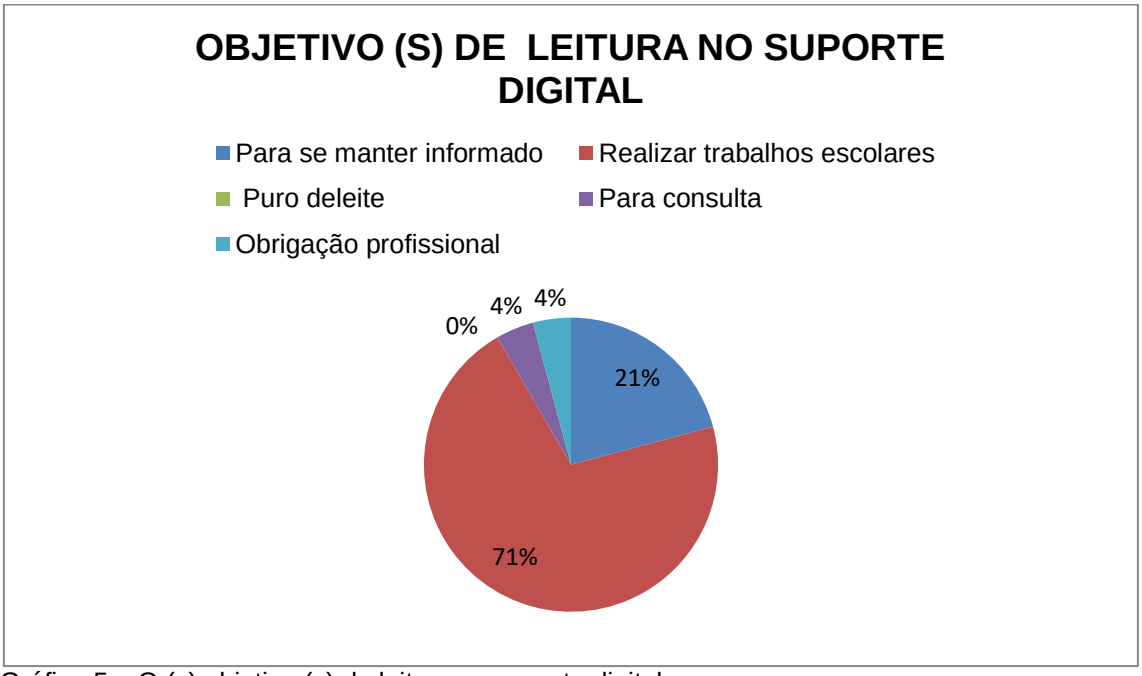

Gráfico 5 – O (s) objetivo (s) de leitura no suporte digital

Os dados do gráfico 5 indicam os objetivos de leitura dos sujeitos. O mesmo aponta a porcentagem de 0% para a leitura como puro deleite, no entanto se os sujeitos, de acordo com o gráfico 2, acessam conteúdos como *You tube*, música e redes sociais, conteúdos esses, como no caso da música, se configura também como um gênero e no caso do *You tube* e das redes sociais que apresentam a multimodalidade dos gêneros, o acesso a esses conteúdos, poderão ser, exclusivamente, para se manter informado, realizar trabalhos escolares, consulta e obrigação profissional? Neste caso, consideramos que os entrevistados podem ter desconhecido o significado dos termos: puro deleite.

Expostos os objetivos de leitura, é sabido que os suportes digitais agregam várias vantagens, dentre essas, Lemos (1999) salienta sobre interatividade digital, esse diálogo do homem com a máquina, esse contato com o papiro digital

desenrolando páginas e mais páginas com o cursor do *mouse*, seja por causa do baixo custo, da facilidade, agilidade, acessibilidade será sempre uma interatividade, pois é muito vantajoso estar imerso à cibercultura. Por isso, o gráfico a seguir contempla estatisticamente a vantagem de ler no suporte digital desse *lócus*.

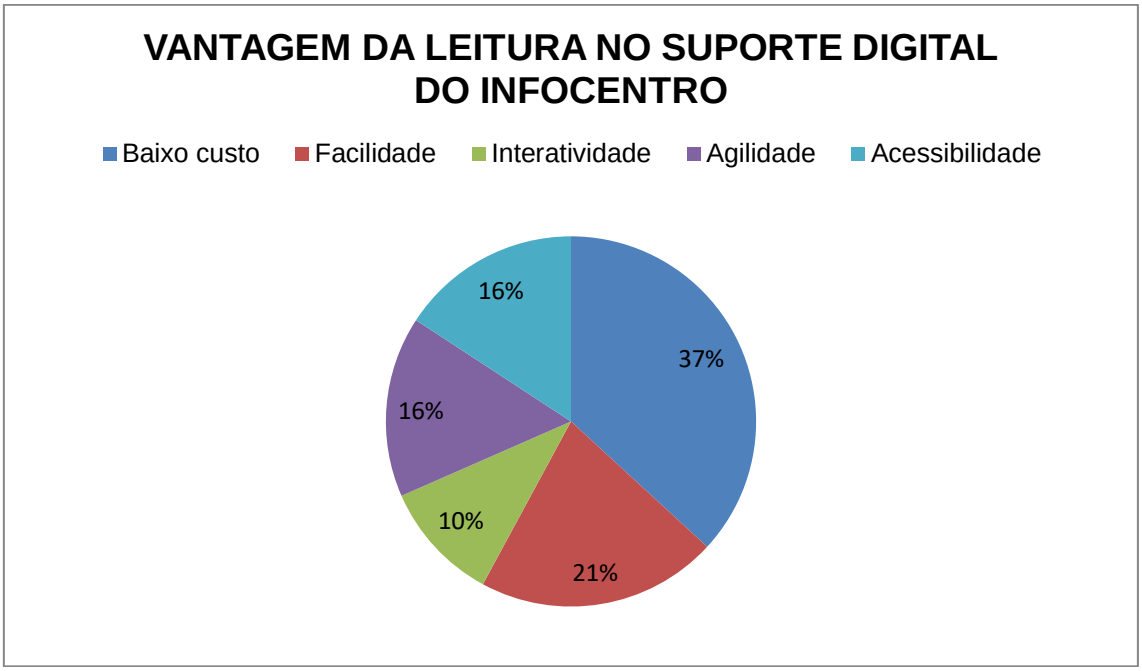

Gráfico – 6 A vantagem da leitura no suporte digital do Infocentro

Os dados do gráfico 6 indicam que a maioria dos internautas frequentam o Infocentro por causa do baixo custo e a maioria desses não possui *internet* em casa e nem dispositivos para acesso, inclusive os da Zona Rural; a segunda maior parte tem assiduidade pelo fato do espaço proporcionar facilidade, ou seja, é notório o quanto o meio digital facilita o acesso a diversificados conteúdos, enquanto outros afirmam frequência pela agilidade, acessibilidade e Interatividade.

Percebe-se que são variadas as vantagens de leitura nos suportes digitais desse espaço, de acordo com a eleição feita por cada leitor, podemos abordar que a era digital é sem dúvida uma era de que se configura no que Pinheiro (2014) nomina rede de multi-interação, assim reforçamos, todas as vantagens eleitas se resumem em interação dos sujeitos com o computador, numa intensidade de comunicação ao alcance de todos, pois afinal esta era, segundo Lemos (1997), *todos-todos*, em que a informação encontra-se universalizada, pois os suportes digitais estão também imersos a essa universalização.

A partir dos dados do gráfico 6, e, considerando a circulação da informação por meio dos mais distintos dispositivos eletrônicos, o gráfico seguinte aponta em porcentagem o acesso à *internet* fora desse espaço tão reiterado nesta seção.

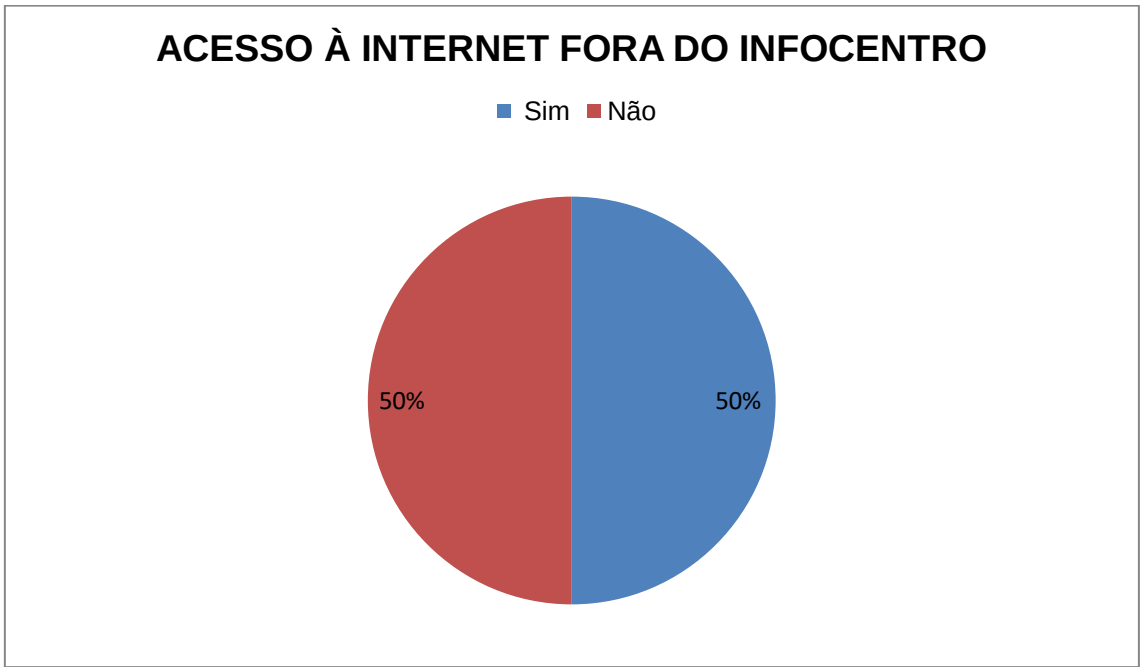

Gráfico 7 – Incidência de acesso à Internet fora do Infocentro

Acessar a *internet* é navegar em um mar de possibilidades, é selecionar a informação correta, é interagir com o texto, máquina, pessoas, é estar atualizado com os acontecimentos do mundo e, sobretudo, interagir nessa ferramenta que possibilita o sujeito a liberdade, quando falamos em leitura, uma liberdade na maioria das vezes controlada pelos objetivos da leitura, quando falamos em escrita a liberdade amplia-se. Assim, a *internet* permeia vários espaços, levando informação a todo sujeito a qualquer momento e é nesse sentido que os dados do gráfico 7 mostram que a internet também está presente em outros espaços.

Então, observamos no gráfico 7 que metade, dez, dos usuários do Infocentro acessa internet fora desse espaço, cinco desses possuem *internet* em casa, três utilizam *internet* móvel e dois não especificaram o tipo de *internet*,vale lembrar que todos esses possuem algum tipo de suporte digital. A outra metade não acessa *internet* em outros espaços e embora afirmem não dispor de *internet* em outros locais dois têm suportes digitais, tais como, *smartphone* e *notebook*, em suas residências.

Diante do exposto, o gráfico seguinte expõe os suportes digitais que os sujeitos têm acesso fora do Infocentro e é com esses que eles acessam a *internet* em outros espaços.

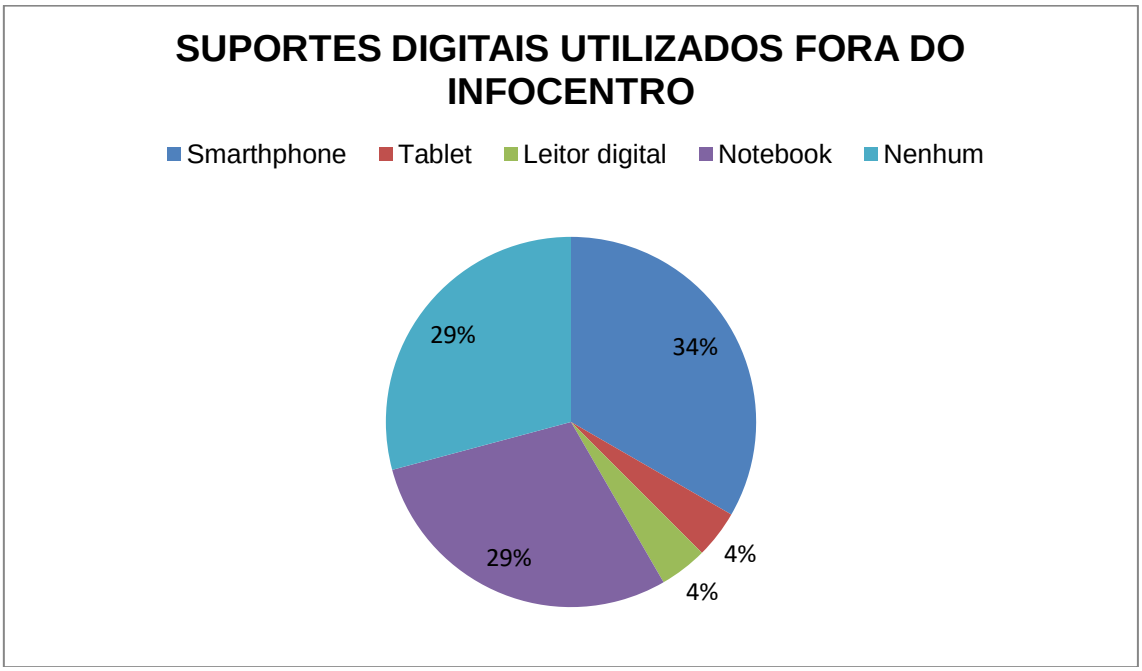

Gráfico 8 – Os suportes digitais utilizados fora do infocentro

O gráfico 8 apresenta a porcentagem dos suportes utilizados fora do Infocentro, suportes interativos possíveis de veiculação de informações, conteúdos digitais, gêneros digitais e textuais, enfim, a promoção da universalização da informação. A análise do gráfico indica que o *Smartphone e o Notebook* são dispositivos mais acessados, ao passo que 4% dos usuários fazem uso de *tablets*, outros 4% do leitor digital e outros 29% afirmam não fazerem uso de nenhum outro suporte digital, excetuando os do Infocentro. Os que não fazem uso de nenhum dispositivo eletrônico fora do Infocentro são todos os domiciliados na Zona Rural e alguns da sede.

Vale ressaltar que o número de sujeitos desprovidos de suportes digitais representa mais de um terço dos entrevistados, assim como dez também é um número elevado de sujeitos que não possuem *Internet* em casa, conforme o disposto no gráfico anterior, representando em porcentagem 50% dos entrevistados.

Assim sendo, o Infocentro do distrito de Junco, podemos dizer, assegurados por Delgadillo (2002), que é um formador, promovedor de informação e comunicação, permitindo que os sujeitos desprovidos de aparatos tecnológicos

insiram-se na cibercultura, contribuindo numa mudança social, sem dúvida constitui-se numa construção de uma cidadania digital.

Portanto, diante dessa análise, podemos afirmar que os suportes digitais do Infocentro, principalmente por meio da *Internet*, contribuem, sobremodo, na formação de leitores, visto que facilita a apropriação da leitura de conteúdos, gêneros textuais, digitais, constituindo-se, assim, como um espaço democrático de promoção à leitura.

4.4 A POPULAÇÃO DO DISTRITO E SUA RELAÇÃO COM A CIBERCULTURA

A feira livre é um local em que as pessoas da Sede e da Zona Rural estão presentes para comprar frutas, legumes e verduras entre outras coisas que também são comercializadas aos domingos, dia no qual a feira acontece.

Assim sendo, fizemos abordagens aleatórias de transeuntes que estavam à procura de alguma mercadoria na feira, desse modo, a amostra caracteriza-se da seguinte forma: 51% do sexo feminino e 49% do sexo masculino. A maioria dos abordados está em idade de 15 a 22 anos, representado em porcentagem 79% dos entrevistados, 17% com faixa etária de 23 a 35 e 4% com idades que variam dos 36 a 50 anos. Dos 35 indagados apenas um reside na zona rural do distrito. Quanto à escolaridade, maior parte dos sujeitos possui Ensino Médio Completo, no percentual de 49%, 17% Ensino Médio Incompleto, de igual modo, 17 % possui Ensino Superior Incompleto, ao passo que 11% Ensino Fundamental Incompleto, 4% Fundamental completo e outros 4% Ensino Superior Completo.

Dessa maneira, tendo em vista a investigação da apropriação dos novos suportes de leitura pelos cidadãos do distrito e o que nos disse Lévy (1999), a respeito da ocupação da informática em distintos espaços, povoando lares, o primeiro questionamento foi acerca da *Internet*, ferramenta imprescindível na interação desses sujeitos com as tecnologias, visto que essa ferramenta possibilita busca da informação, do conteúdo, de melhor exploração dos suportes, assim nos interessou saber, a princípio, se os sujeitos possuíam acesso à *Internet* em casa, conforme aponta os dados do gráfico 1.

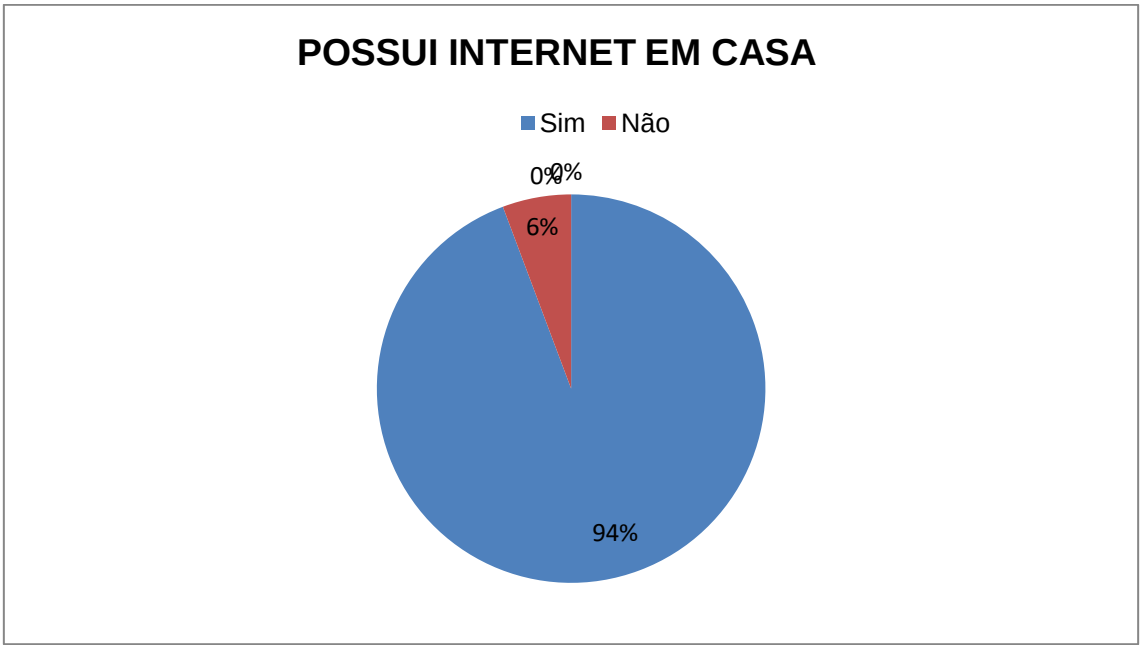

Gráfico 9 – Usuários de Internet em casa

O gráfico 9 atribui maior porcentagem aos indivíduos que possuem *Internet* em casa, ou seja, em número 34 pessoas, esse número reafirma o quanto o ciberespaço tem sido disseminado. Por outro lado, apenas um sujeito não possui *internet* em sua residência, porém, mesmo não dispondo, ainda, dessa tecnologia em sua moradia, acessa conteúdos digitais em rede.

Por conseguinte, o gráfico abaixo estima os suportes digitais utilizados para fins diversos, porém dentre essa diversidade destacamos a leitura.

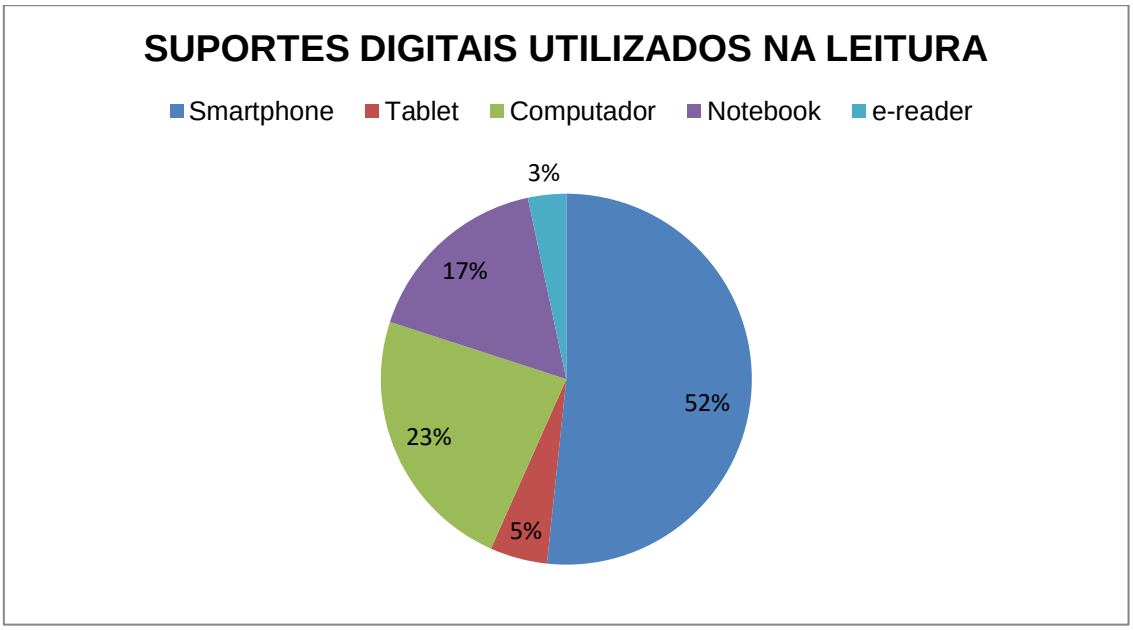

Gráfico 10 – Os suportes digitais utilizados no ato da leitura

As informações, constantes do gráfico 10, atestam a liderança dos *Smartphones* em relação aos demais dispositivos cibernéticos utilizados no ato da leitura. Isto posto, o computador ocupa o segundo lugar em termos de uso de suportes de leitura no distrito, percebemos ainda que o terceiro lugar é ocupado pelo *Notebook*, outros dispositivos também contemporâneos como o *Tablet* e o *e-reader* não têm sido muito utilizados pelos internautas do distrito.

Para melhor esclarecimento, ressaltamos que dos trinta e cinco questionados treze leem apenas em *Smartphones* e nove leem nos *Smartphones* e também nos computadores, já os demais alternam entre todos os dispositivos referidos.

Tendo em vista a certificação da apropriação dos novos suportes de leitura no distrito, o próximo gráfico aponta a frequência de leitura nesses suportes.

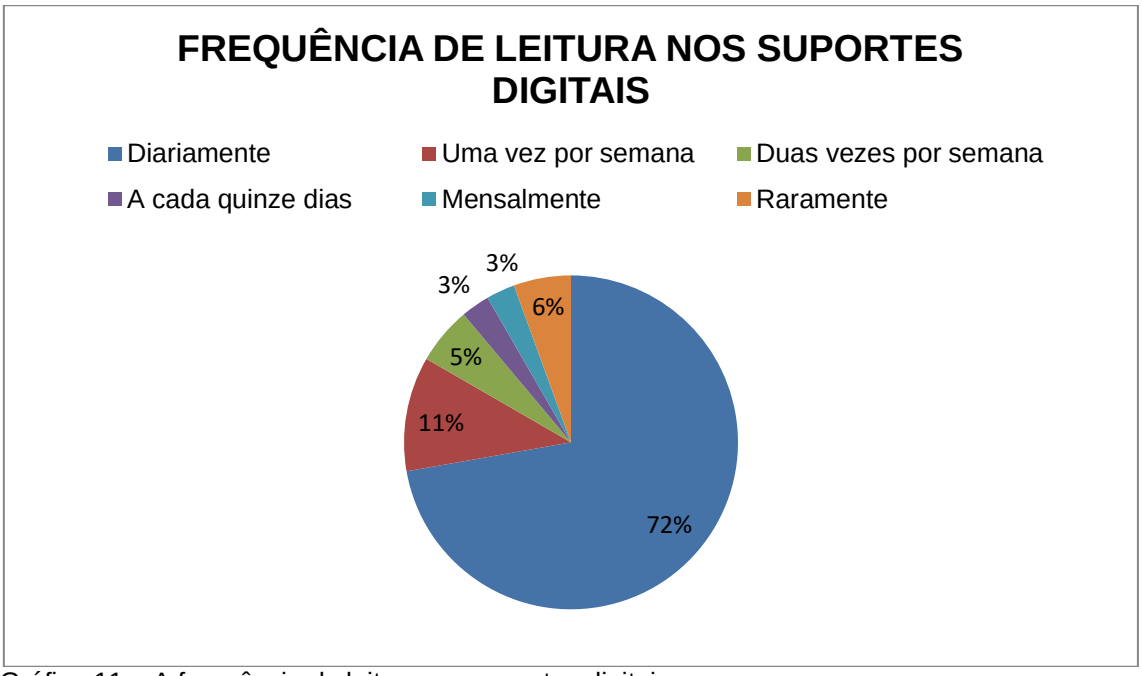

Gráfico 11 – A frequência de leitura nos suportes digitais.

A maioria dos perguntados, conforme o gráfico 11 chama atenção, afirma ler diariamente, sujeitos de nível médio completo e Superior incompleto, estão sempre acessando suas redes sociais, e-mails, mais por meio de *Smartphones*; à medida que um número menor de sujeitos alega ler uma vez por semana, raramente, duas vezes por semana, a cada quinze dias e mensalmente.

Dado o exposto, o gráfico a seguir revela os conteúdos acessados no espaço cibernético.

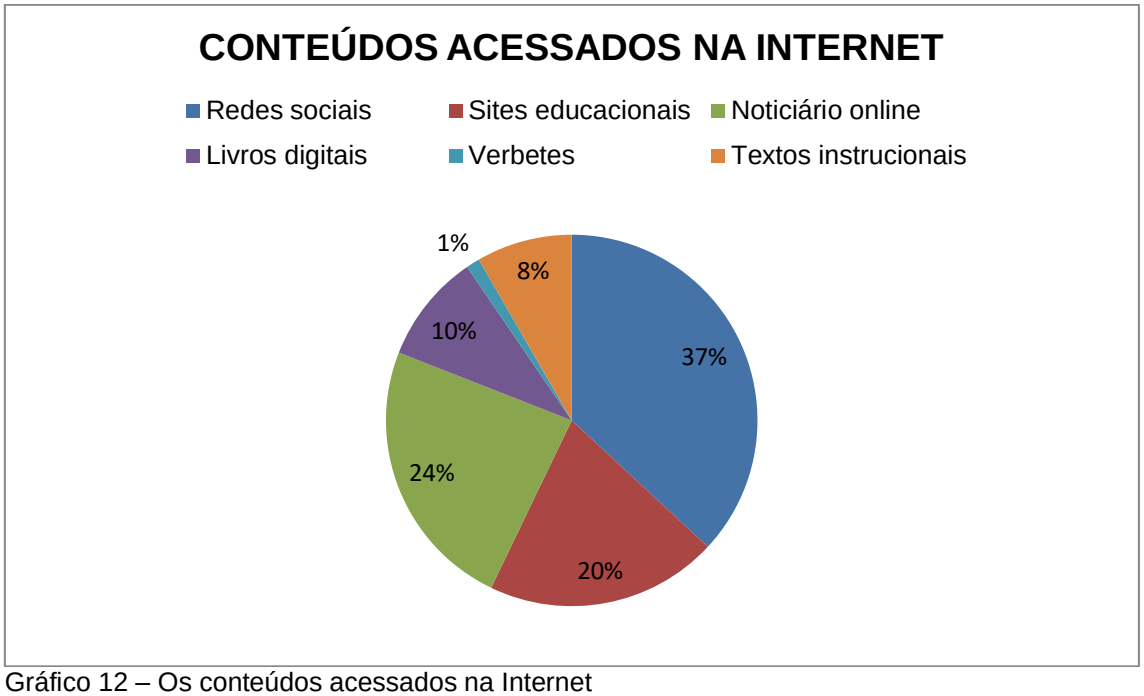

Gráfico 12 – Os conteúdos acessados na Internet

Os conteúdos mencionados no respectivo gráfico são favoráveis aos hipertextos. O leitor, pode com a ação de clicar, permear por hipertextos lineares e não lineares, tudo depende, exclusivamente, do objetivo que o leva aquela busca de informação e da curiosidade do interlocutor diante do que lhe for exposto quando estiver navegando no ciberespaço, uma vez que determinados sites e redes sociais apresentam ao leitor sempre a possibilidade de conhecer mais sobre o assunto pesquisado, oferecendo *links* referentes ao assunto.

As informações presentes, no gráfico 12, manifestam que apenas 1% dos sujeitos acessam verbetes, esse possui Ensino Superior completo, podemos levantar a hipótese de que os informantes podem ter desconhecido o significado do termo. Em controvérsia, as redes sociais, acessada por sujeitos de todos os níveis de ensino e todas as idades mencionadas imperam com a porcentagem de 37%, em concordância com Bellei (2002) isso se dá porque os textos operam em dimensões diversas: textuais, visuais e auditivas simultaneamente. Um percentual de 24% prefere ligar-se aos noticiários *on-line*, 20% conectam-se aos *sites* educacionais, enquanto 10% livros digitais e 8% textos instrucionais.

É oportuno, ainda, abordar que seis dos entrevistados afirmam acessar somente Rede Sociais, de igual forma outros seis admitem acesso, apenas, às redes sociais e noticiários *on-line*, já os demais oscilam entre os conteúdos dispostos no gráfico 12.

Levando em consideração a existência de *links* nos respectivos conteúdos abordados no gráfico anterior e que, segundo Gomes (2011), esses podem levar o leitor a gêneros textuais dentro do próprio *site* sem sair do mesmo (*links* internos) e também pode levar o leitor a gêneros que necessitam da saída do *site* no qual o internauta se encontrava (*links* externos); o gráfico seguinte mostra os gêneros textuais mais lidos nos suportes digitais por via hipertextuais ou não.

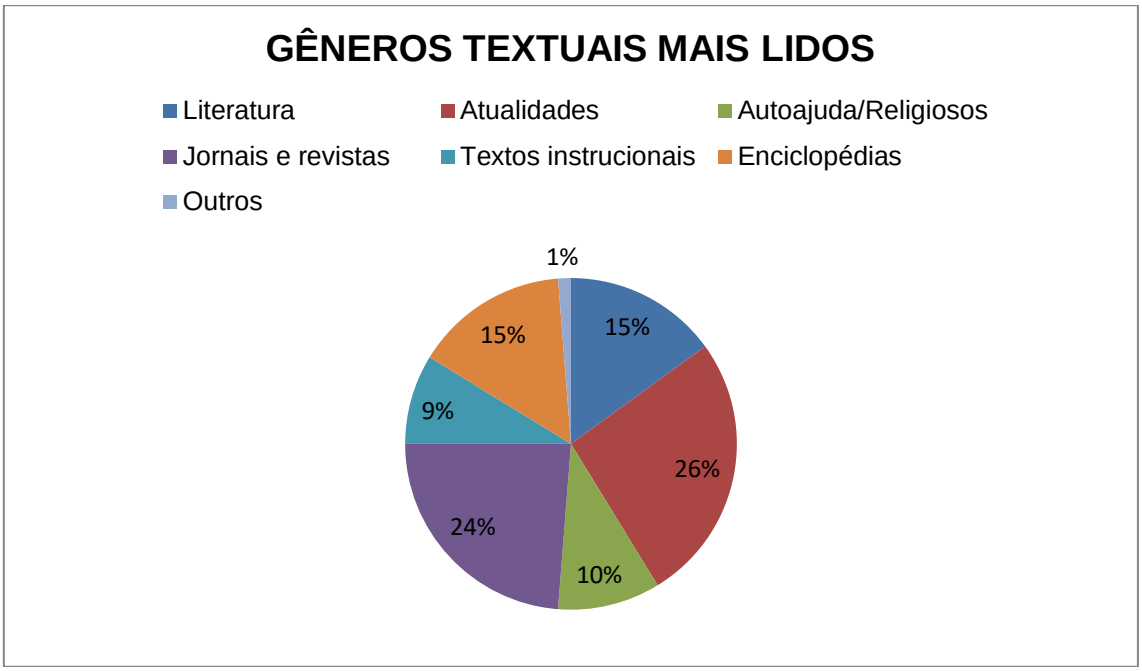

Gráfico 13 – Os gêneros textuais lidos nos suportes digitais

Os gêneros mais acessados conforme mostra o gráfico 13 são atualidades com um percentual de 27% de leitura, já os jornais e revistas ocupam o segundo lugar. Sendo assim, cinco dos interpelados afirmam ler somente atualidades diariamente e esses são dois de nível médio incompleto e três de Ensino Médio completo, outros cinco leem diariamente apenas atualidades e textos instrucionais e possuem ensino Médio completo, ao passo que os demais alternam entre os referidos gêneros textuais.

A liderança da frequência de leitura de atualidades é comprovada, pois todos os que leem atualidades acessam conteúdos como redes sociais, um espaço constantemente atualizado. Outra questão, é que os jornais e revistas firmam-se no segundo lugar nesse gráfico 13 e também no gráfico 12, sem contradição, quem acessa conteúdos como noticiários *on-line*, lê gêneros como noticiários e revistas, já a literatura, que além de ser lida por prazer é um gênero educacional, está em

terceiro lugar nesse gráfico 13, juntamente com as enciclopédias que se configuram como gêneros transmissores de informações educacionais também.

É oportuno ressaltar que os gêneros, constantes no gráfico 13, tanto podem ser lidos de forma de hipertexto sequencial, tal como se lê um livro impresso mudando as páginas, como rodando o cursor do *mouse* tal como executavam remotamente as leituras através dos papiros ou o leitor pode ainda saltar pelo hipertexto buscando o que lhe for preferido, mas com atenção para não deixar de lado os objetivos, os quais o levaram à leitura.

Tendo em vista os dados do gráfico 13, os pertinentes gêneros podem aparecer de forma metagenérica, neste caso, no meio dos gêneros digitais como, por exemplo*, e-mails*, *chat*, entrevista, videoconferência , lista de discussões, *blogs* entre outros, por isso é interessante trazer no gráfico seguinte, dentre esses, os gêneros digitais mais lidos no distrito.

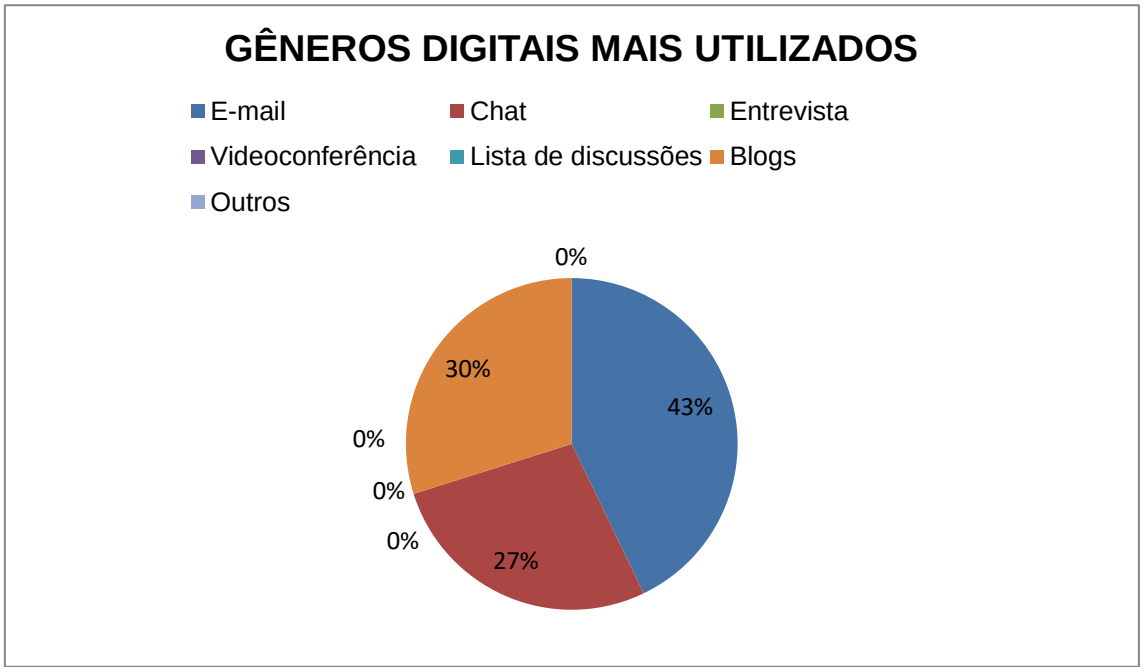

Gráfico 14 – Os gêneros digitais mais lidos pelos internautas do distrito.

Conforme já reiterado neste estudo, a cibercultura mudou bastante as formas de leitura, visto que a mesma possibilita produção, interação e edição de textos alheios. Dessa forma, os gêneros do gráfico 14 são favoráveis à interferência do interlocutor na medida que permitem liberdade ao leitor no ato de disseminar informações, assim sujeitos interagem diretamente com sujeitos por meio das máquinas que podem ser tudo: contadoras de histórias, armazenadoras de

informações, de escrita, textos, sobretudo, promovedoras de leitura, entre outras funções.

Dessa forma, na exposição do gráfico 14, observamos a incidência de três gêneros mais utilizados no distrito e o *e-mail* permanece, de igual modo ocorre no Infocentro, como um dos gêneros digitais mais acessados, os *Blogs* em segunda posição e o *Chat* em terceiro lugar. É interessante afirmar, pois nos chama atenção, é que assim como acontece no Infocentro, a população em geral também não costuma acessar gêneros como: entrevista, videoconferência e listas de discussões, uma vez que os referidos gêneros digitais zeraram em porcentagem. Por conseguinte, 15% dos entrevistados garantem utilizar *e-mails e blogs* e são de Ensino Superior incompleto e Médio completo, à medida que dez utilizam *e-mail e Chat*, ao passo que oito acessa *e-mails*, *blogs e chats*, enquanto um utiliza *blogs e chats* de Ensino fundamental completo e mais um somente *chat*, possui Ensino Fundamental incompleto.

Dado o exposto, o próximo gráfico evidencia os objetivos de leitura, dos indagados, nos suportes digitais.

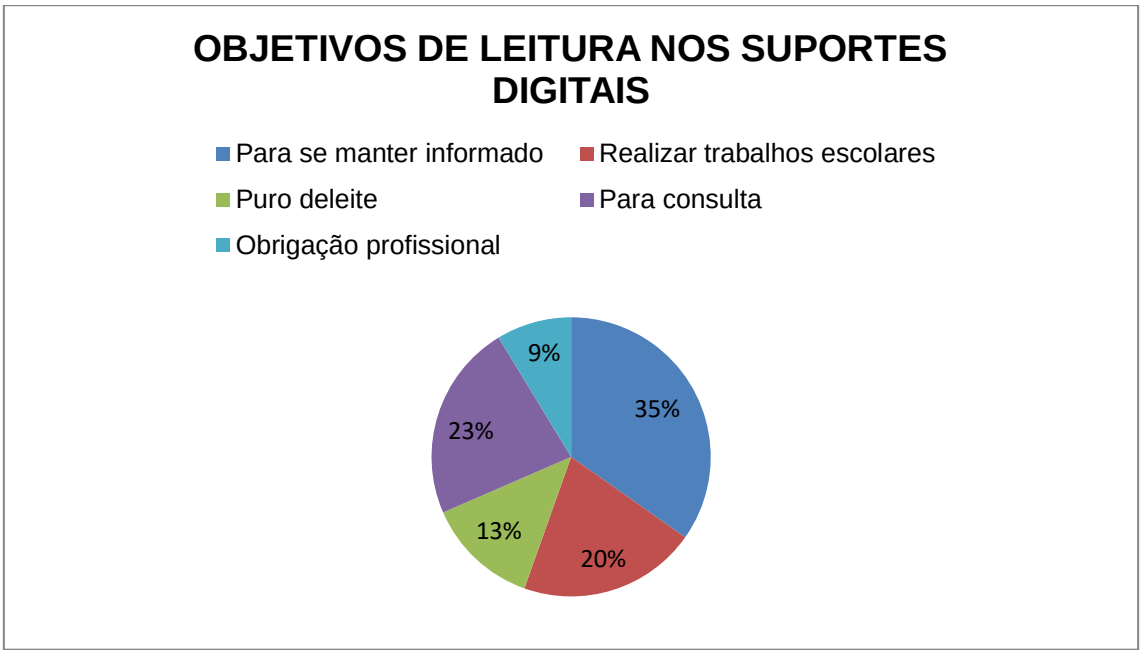

Gráfico 15 – Os objetivos de leitura nos suportes digitais

A leitura de conteúdos e gêneros nos suportes digitais perpassam por objetivos, nesse sentido, trazemos nesse gráfico 15 os objetivos de leitura nos suportes digitais. Conforme aponta o gráfico 15, 35%, Ensino Médio completo e Superior e Fundamental incompleto, dos leitores têm como objetivo manter-se

informado, dado comprovado, pois o gráfico 12 constata a incidência de acesso aos noticiários *on-line* e as redes sociais que, além de proporcionar deleite, de certa forma também mantêm os sujeitos informados, em consonância, o gráfico 13 aponta a liderança das atualidades como gêneros textuais mais lidos, corroborando a liderança da leitura para se manter informado.

Observamos, ainda, que uma taxa de 23% dos interpelados, a maioria de Ensino Médio e fundamental incompleto, tem como objetivo a consulta, já 9% por obrigação profissional de Ensino Médio completo, ao passo que 20%, majoritariamente Ensino Médio completo e Superior e Médio incompleto, objetiva realizar trabalhos escolares e novamente a escolarização atinge o terceiro lugar, tal como ocorre no gráfico 12 o qual tratamos dos conteúdos mais acessados e os *sites* educacionais estão entre os três mais conectados, em terceiro lugar.

O gráfico 15 indica ainda o percentual de 13% ao puro deleite, isso significa que os leitores perpassam pelas redes sociais mais para manter-se informados do que por prazer, pois na coleta desses dados na feira livre esclarecemos os sujeitos o significado de puro deleite, o que não aconteceu na coleta dos dados do Infocentro, visto que os formulários foram deixados com a funcionária do local. Assim, seis dos entrevistados elegeram como objetivo exclusivo manter-se informado, um, apenas obrigação profissional, embora acesse redes sociais e mais somente para consulta, já os demais oscilam entre os respectivos objetivos.

A análise do gráfico 15 mostrou o quanto são diversificados os objetivos de leitura nos suportes digitais, desta forma no gráfico seguinte mostramos os resultados da vantagem da leitura nos suportes digitais.

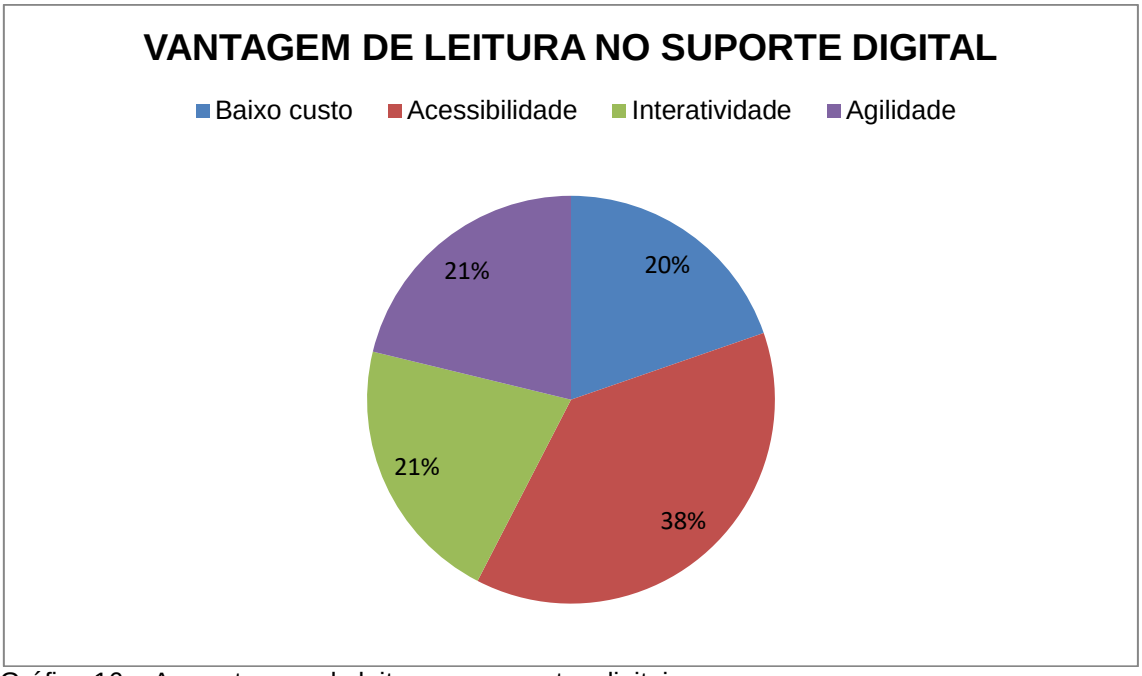

Gráfico 16 – As vantagens de leitura nos suportes digitais.

A maior fatia do gráfico, eleita na maioria pelo pessoal de Ensino Médio completo, está delegada à acessibilidade, a tecnologia ao alcance de todos promovendo leitura, segundo Fagundes e Hoffman (2008) por meio de um clique. Sem dúvida, a informação ganhou mais notoriedade e agilidade na sua circulação e reconhecendo isso os internautas do distrito, na sua maioria de ensino Médio completo e incompleto, elegeram com a porcentagem de 21% a agilidade, a rapidez que a informação é disseminada no meio digital. De igual modo, os questionados incumbem 21% a interatividade, essa interação dos sujeitos que principia com a máquina para chegar aos conteúdos e gêneros. Enfim, o percentual de 20%, atribui-se ao baixo custo.

Cabe ainda colocar que oito dos entrevistados optam pela leitura no suporte digital somente por causa da acessibilidade, quatro preferem exclusivamente pela agilidade, enquanto dois escolhem apenas pela interação. Os restantes alternam na escolha das respectivas vantagens, porque, na verdade, todas essas vantagens se resumem em navegar com liberdade, não no mar, porém, sim, no ciberespaço.

4.5 ESCOLA: O USO DE SUPORTES DIGITAIS AUXILIARES DA PRÁTICA DOCENTE

Como já mencionado anteriormente, foram escolhidas como campo para levantamento de dados referentes à pesquisa, duas Instituições de ensino do

município, nestas houve a aplicação de questionários sobre o uso das tecnologias no espaço escolar, selecionamos aleatoriamente dez docentes, sendo cinco de cada colégio, acompanharemos a seguir a caracterização destes espaços.

O Colégio Municipal Pedro Daltro (CMPD) é a única instituição do distrito que oferece Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, funciona durante o turno matutino, vespertino e noturno, conta com 25 professores, além de abrigar segundo dados do Censo (2016) 513 alunos, possui biblioteca ampla, quadra para esportes, quinze salas de aula e demais acomodações administrativas. Em termos de estrutura tecnológica, o colégio possui laboratório de informática contendo oito computadores e acesso à *internet* disponível para uso dos estudantes.

A segunda Instituição é o Colégio Estadual de Junco (CEJ), que oferta o Ensino Médio, do 1º ao 3º ano, sendo o único que oferece esse nível de ensino no distrito, funciona também durante os turnos matutino, vespertino e noturno, com um número de 520 alunos matriculados, segundo Censo de 2016. Conta com 10 professores, seis salas de aula, biblioteca e dispõe de laboratório de informática contendo dez computadores com acesso à *internet* banda larga para uso dos discentes.

A seguir, acompanharemos a análise dos dados que estão representados através de gráficos, os mesmos foram obtidos mediante a aplicação de questionários com os docentes dos referidos colégios, lembrando que as representações gráficas seguem a ordem das questões contidas no questionário (em apêndice); ratificamos que para as questões de justificativa, não houve respostas.

Advertimos que os dados aqui apresentados dizem respeito aos dez professores selecionados e referem-se às turmas em que esses mesmos professores questionados lecionam, desta maneira não representam, em questões referentes aos estudantes, a totalidade dos mesmos nas duas instituições de ensino.

Quando se fala em uso de ferramentas tecnológicas e o acesso à *internet* nas escolas brasileiras, temos como referência o Marco Civil da *Internet*, que determina que o sistema público de educação inclua a capacitação, “integrada a outras práticas educacionais, para o uso seguro, consciente e responsável da *Internet* como ferramenta para o exercício da cidadania, a promoção da cultura e o

desenvolvimento tecnológico" (BRASIL, 2014). Apreciaremos a seguir como se deu a apropriação desses aparatos tecnológicos que dispõem de acesso à *internet* pelo CEJ e CMPD, se estão sendo utilizados, de que maneira ocorre o uso, quais ferramentas digitais são manipuladas e se de fato elas auxiliam e propiciam benefícios positivos para professores e estudantes.

Logo adiante, veremos à análise do gráfico que representa a frequência em que os professores de ambas as escolas, CEJ e CMPD, utilizam o suporte digital no desenvolvimento de atividades em sala de aula com os estudantes.

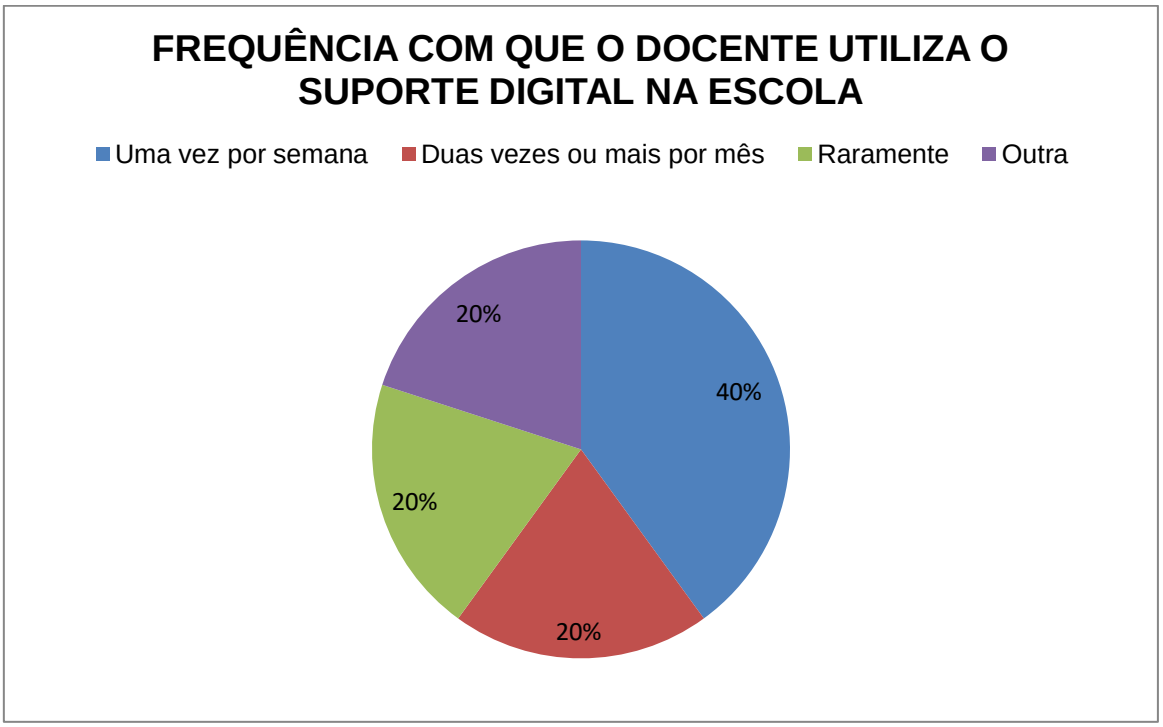

Gráfico 17 - Frequência com que o docente trabalha com o suporte digital na escola

Observamos, a partir desse gráfico, que a grande maioria sinalizou que utiliza os suportes uma vez por semana, justificando que o uso dos computadores no laboratório de informática, por exemplo, propicia o aprendizado em qualquer tempo e espaço, por meio das ferramentas que o computador e a *internet* disponibilizam, enriquecem uma discussão, facilitam uma pesquisa e etc.

As alternativas subsequentes, duas vezes ou mais por mês e raramente, atingiram a mesma porcentagem, esses docentes se utilizam desse espaço com menos frequência, destes, a maioria justifica que os suportes são poucos e não dão conta de atender a demanda do alunado, uma opção plausível seria o trabalho em grupo.

A opção “outra” atingiu a marca dos 20%, a justificativa dos docentes é de que só utilizam os suportes quando necessário e que o livro didático é à base do trabalho com a disciplina, infelizmente deixam de aproveitar o que o mundo digital tem a agregar aos conteúdos trabalhados. Apesar das dificuldades, Pinheiro (2014) ressalta que os docentes estão mais abertos ao uso das tecnologias digitais (computadores) na sala de aula, o que impede em algumas situações são os entraves relacionados, por exemplo, ao número pequeno de equipamentos.

Abaixo, visualizaremos a recorrência no uso de outros suportes digitais, além do computador, no trabalho em sala de aula, afinal existe um leque de outros dispositivos digitais que podem ser aproveitados pelos docentes nas atividades escolares de forma educativa. Almeida (2007) alerta que a inserção das tecnologias na escola promove um novo contexto educativo mediatizado pelas tecnologias digitais, cuja compreensão implica em articular a gestão de sistemas com as dimensões tecnológica, pedagógica e teórico-metodológica.

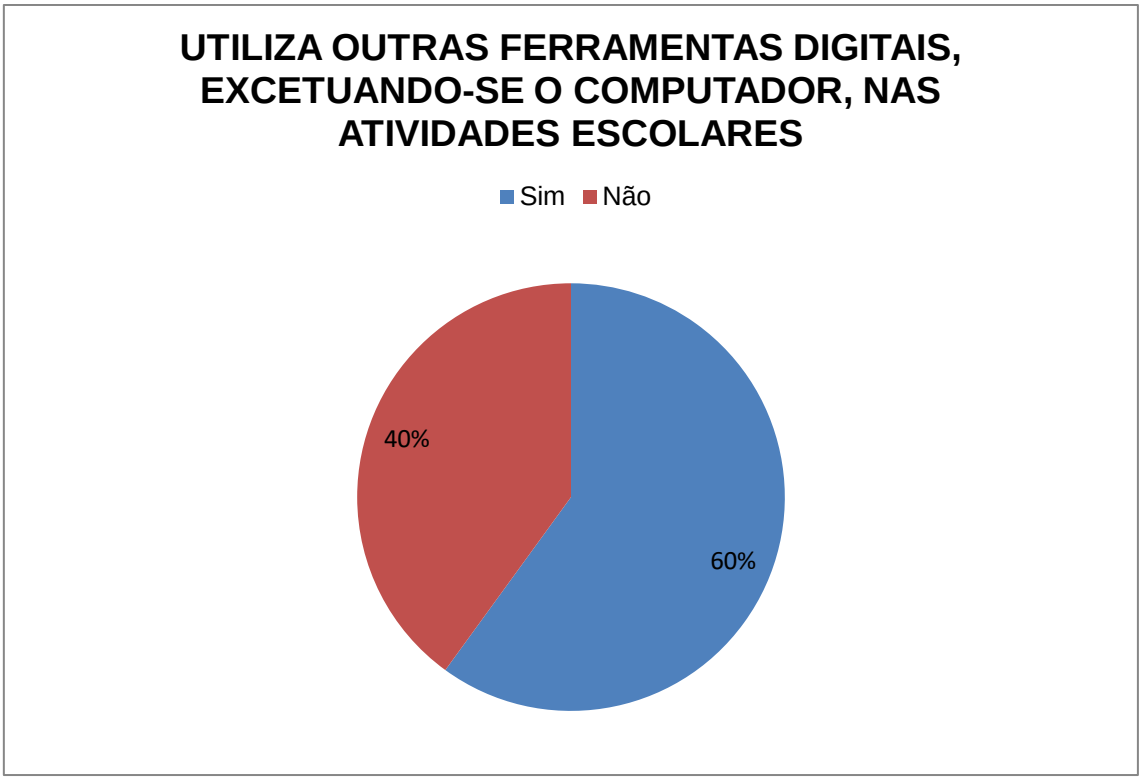

Gráfico 18 - Utiliza ferramentas digitas nas atividades escolares, além do computador.

Nota-se que 60% dos docentes utilizam outras ferramentas digitais em classe, destes foram três de ambos os Colégios, isso evidencia que as tecnologias estão cada vez mais invadindo o espaço escolar, é a cibercultura em evidência, embora

40%, dois professores de ambas as instituições, só utilizem o computador e nenhuma outra ferramenta digital, uma pena, pois existem tantos outros suportes que estão ao alcance da palma da mão.

Veremos, no próximo gráfico, que outras ferramentas digitais, excetuando-se o computador, estão sendo utilizadas como suportes nos espaços de aprendizagem, afinal são muitas as opções, *smartphone*, *tablet*, *notebook*, entre outros.

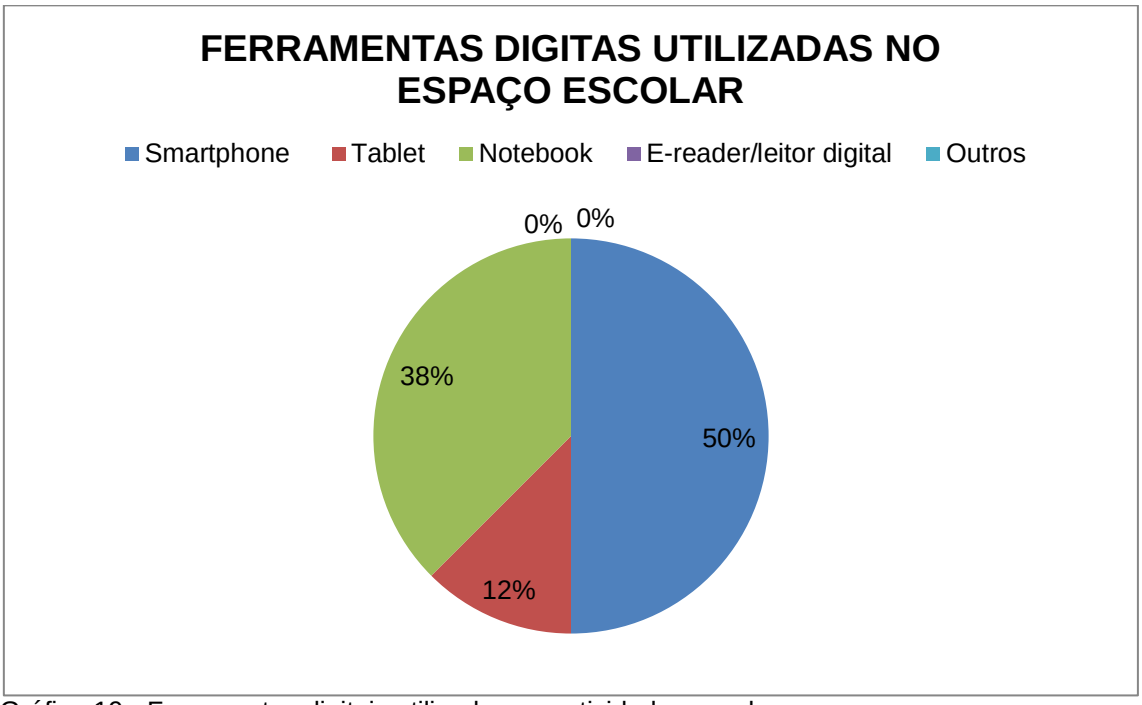

Gráfico 19 - Ferramentas digitais utilizadas nas atividades escolares

Como visto, o *Smartphone* é o suporte mais utilizado dos perguntados, totalizando 50%, o aparelho é o preferido dos adolescentes e também pode ser utilizado como ferramenta pedagógica durante as aulas, vale destacar o quanto esse aparelho eletrônico tem invadido nossas vidas, nas mais diversas atividades que desempenhamos, incluindo o espaço escolar, no entanto, por oferecer diversas funcionalidades o uso desse e de outros dispositivos portáteis, segundo Almeida (2007), requer um cuidado especial no momento da concepção da atividade, definição dos objetivos, planejamento e proposição de estratégias.

O *Notebook* aparece como segundo suporte digital mais utilizado, seguido do *Tablet, o E-reader* ou leitor digital não foi mencionado, acredita-se que por ser um dispositivo exclusivo para download e leitura de livros digitais, ainda não tenha se popularizado.

No próximo gráfico, observaremos a partir da escolha dos discentes, se o uso dos suportes digitais nas turmas em que atuam é vantajoso, ou seja, se favorecem o trabalho com um conteúdo em sala de aula e se ajudam os estudantes, por exemplo, na constituição de uma atividade ou seminário solicitado.

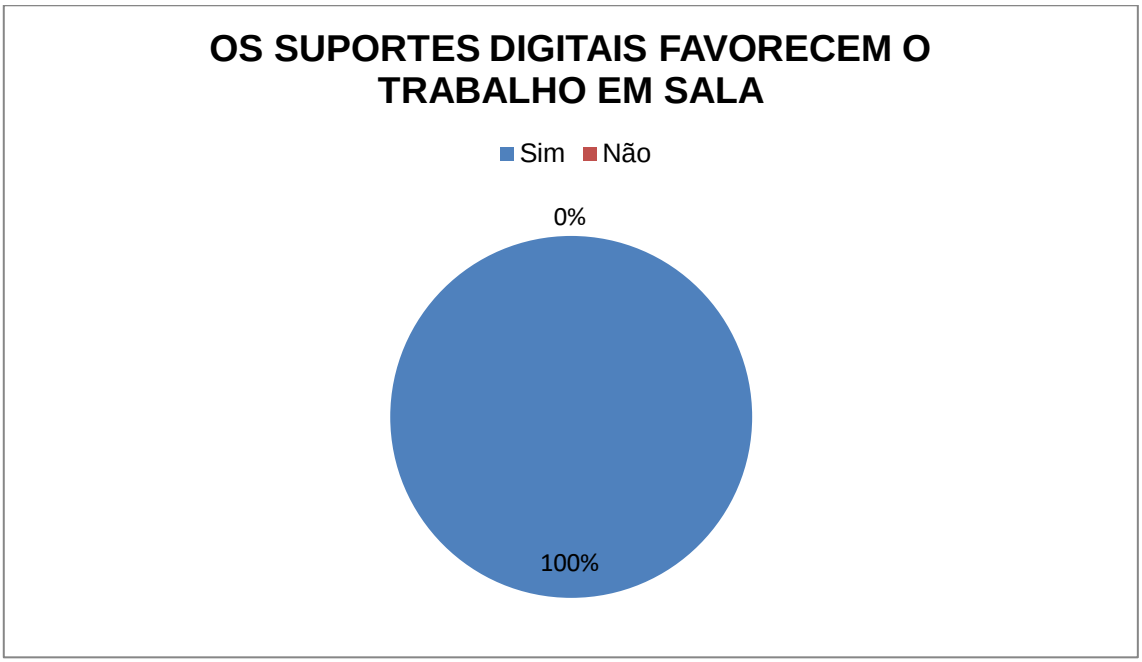

Gráfico 20- Os suportes digitais favorecem o trabalho em sala de aula

Nota-se que todos os dez docentes questionados responderam em afirmativo ao referido item, justificando a importância do uso destes suportes, uma vez que disponibilizam com facilidade de acesso uma gama de informações e conteúdos de forma interativa, podendo ser utilizados para pesquisas ajudando na elaboração de um trabalho, desenvolvimento de atividades e busca de informações referentes ao conteúdo trabalhado para estudo, além de visualização de vídeos, slides etc.

No gráfico seguinte, iremos observar como os alunos imersos no mundo tecnológico se relacionam com as ferramentas digitais, se dominam ou não dominam as funcionalidades das mesmas.

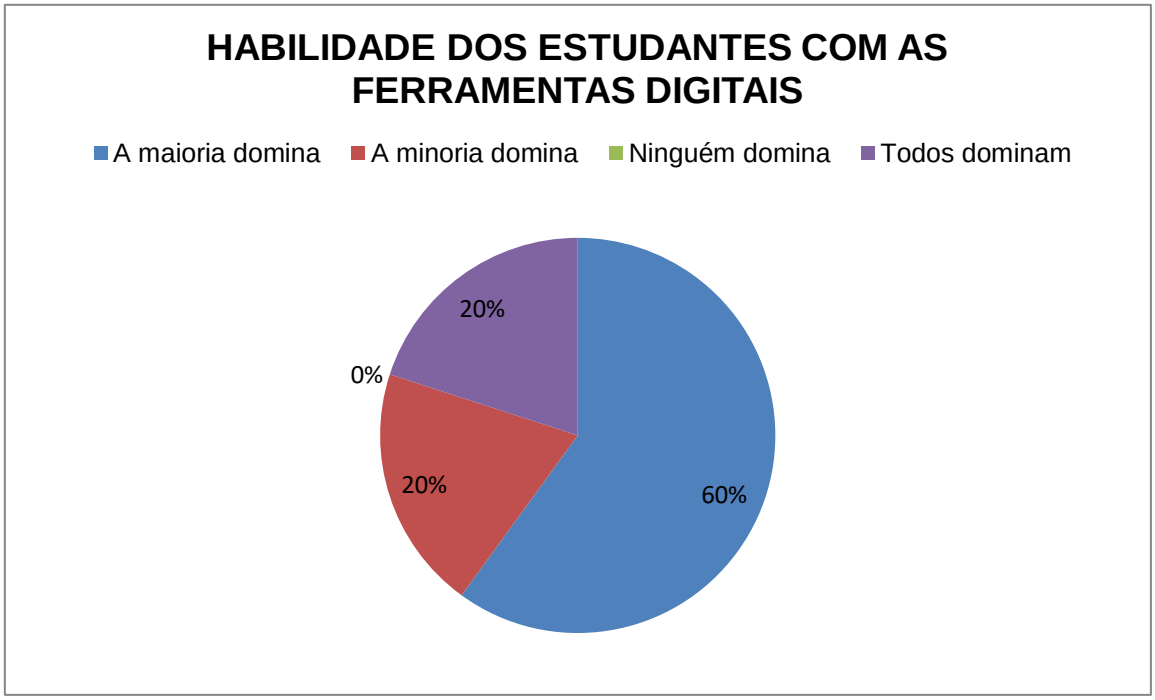

Gráfico 21 - Habilidade dos estudantes com as ferramentas digitais.

Em primeiro lugar, relembramos que esses números referem-se às turmas em que os professores questionados lecionam, não representa a totalidade do número de alunos dos colégios. A partir dos resultados mostrados no gráfico, fica claro que nem todos os estudantes possuem habilidade com as tecnologias, o item todos dominam totalizou apenas 20%, coincidentemente, as respostas a este item foram do CEJ.

Segundo os professores, a maioria dos estudantes possui habilidades com as ferramentas digitais utilizadas em sala de aula, totalizando 60%, número equilibrado em ambas as escolas. Entretanto, há alunos que não desenvolveram ainda esta habilidade, talvez por não terem acesso aos aparatos tecnológicos, ambos os colégio recebem alunos da zona rural, podemos deduzir que boa parte desse grupo resida nesse local e por questões econômicas e sociais não tem acesso a computadores, *smartphones*, *tablets* e etc. Assim, o item a minoria domina, totalizou 20%, sendo 10% de cada colégio.

No gráfico a seguir, de nº 22, podemos vislumbrar os gêneros textuais mais trabalhados pelos docentes em sala de aula utilizando os suportes digitais.

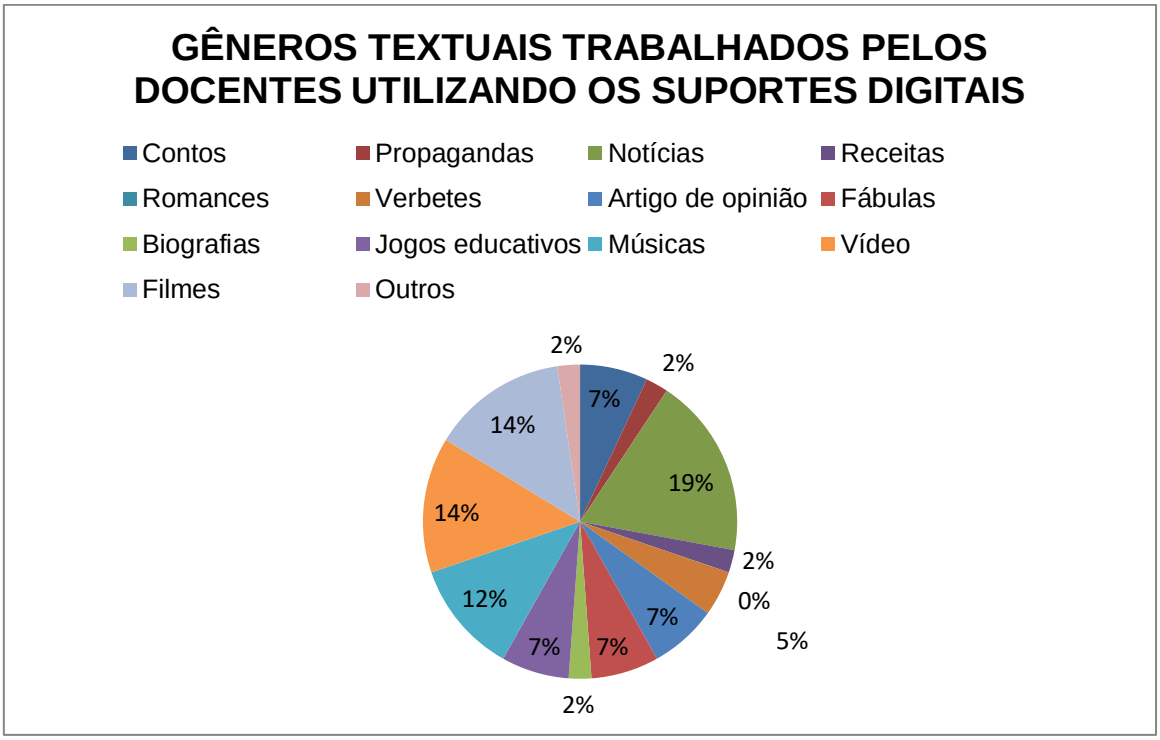

Gráfico 22- Gêneros textuais mais trabalhados pelos docentes nos suportes digitais.

O gráfico está bem fatiado e representa as muitas possibilidades de explorar os gêneros textuais nos suportes digitais, o gênero notícia é o mais acessado, filme e vídeo aparece empatados, música vem logo atrás dos demais já mencionados. Os jogos educacionais, artigos de opinião, fábulas e contos atingiram a mesma porcentagem. Os menos utilizados são verbetes, propagandas, receitas e biografias, o item “outros” totaliza 1%, especificamente corresponde a textos informativos.

Como visualizado, os suportes digitais podem propiciar o trabalho com uma variedade de gêneros nos espaços educacionais, já que com qualquer dispositivo eletrônico que possui acesso à *internet* se consegue pesquisar e ler diversos tipos de textos. Os gêneros encontrados nos suportes digitais permitem outros recursos que o texto impresso não suporta, possuem *links* que possibilitam migrar para outros textos, os chamados hipertextos, interligados ao texto principal, proporcionando ao leitor uma viagem no ciberespaço, facilitando acesso a vídeos, imagens e áudios na *internet*, uma gama de opções que podem ser exploradas nos textos digitais utilizando-se dos suportes.

Apresentaremos, ainda, os dados relacionados às seguintes questões:

- **Como se dá a indicação do *site* em que a pesquisa será realizada?**

A respeito dos *sites* acessados pelos estudantes, questionamos aos docentes como se dava a indicação dos mesmos, para consulta de informações, pesquisas, leitura, visualização de conteúdos de vídeo e outros. Dos dez docentes, seis responderam que preferem indicar o site em que esses conteúdos serão acessados, afinal a indicação direciona, mostra o caminho pelo qual o discente deve navegar, também é uma forma segura de acessar informações verídicas, pois se supõe que a página já foi visitada pelo professor, já que circulam também informações caluniosas na *internet*.

Dois docentes responderam que apresentam o tema e a escolha do *site* fica a critério e responsabilidade do aluno, outros dois responderam que em algumas situações indicam *sites* e em outras deixam sob responsabilidade do aluno. Não é que a não indicação seja ruim, porém é importante quando se solicitar uma ação desse tipo orientar e alertar para a escolha de sites conhecidos e seguros.

- **Os docentes solicitam o uso dos suportes digitais para realização de atividades extraescolares?**

Quando questionados sobre a solicitação do uso dos suportes digitais para realização de atividades extraescolares, todos os docentes responderam em afirmativo, o que denota que as TIC podem ser utilizadas para promover uma participação mais ativa dos alunos na dinâmica da sala de aula. Os professores salientaram a contribuição dos aparatos tecnológicos para os educandos e também para o ambiente escolar, pois quebra as barreiras escolares tradicionais que discriminam o uso de tecnologias na escola, o uso destas é uma aceitação da cibercultura, realidade da era em que estamos vivendo.

Em uma pesquisa sobre o uso das tecnologias nas escolas brasileiras (TIC educação 2015) de 100, apenas 38% dos coordenadores pedagógicos de escolas públicas afirmaram que os professores da escola receberam capacitação para trabalhar com computador e *Internet* em sala de aula. A tecnologia é uma aliada está

aí como uma ferramenta pedagógica para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou identificar os novos suportes de leitura advindos da era digital que propiciou a criação de diversos dispositivos eletrônicos, além de investigar como se deu a apropriação dos mesmos no tocante ao distrito de Junco, Jacobina, Bahia.

Para compreendermos como se deu esse processo de apropriação dos suportes de leitura digitais, fez-se necessário percorrermos um longo caminho temporal pela história das civilizações, com objetivo de conhecer as mudanças ocorridas nos suportes durante a evolução da escrita e da leitura ao longo da Pré-história, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna até a Idade Contemporânea.

Como visto, os suportes em que os textos são dispostos foram adequando-se ao padrão de cada época, desde as representações em cavernas por pinturas rupestres; perpassando pela oralidade, período que o homem era o próprio suporte; até o desenvolvimento de um sistema de escrita. A partir desse momento vários suportes passaram a ser utilizados, reportamos a pedra, prancha de barro, couro, madeira, papiro, pergaminho, códex e finalmente o popular papel. Na contemporaneidade sugiram então os suportes digitais, o *smartphone*, computador, *notebook*, *tablet, e e-reader*, modificando as práticas de leitura e as relações estabelecidas entre leitor e suporte de leitura.

Essas transições são conhecidas como revoluções da leitura, elas modificaram o modo de produção e reprodução dos textos, assim como nas maneiras de ler. Neste sentido, o trabalho identificou e caracterizou as novas ferramentas de leitura.

Nesta era a que chamamos de digital, permeiam na sociedade diversos suportes digitais interativos que são provenientes do computador, proporcionando, via internet, agilidade na busca da informação e acesso às diversificadas ferramentas como redes sociais, hipertextos digitais ricos em *links ou hiperlinks*. Tais suportes remetem o leitor a outros tipos de linguagens, consequentemente a outros gêneros que circulam em suportes impressos, mas que no ciberespaço circulam digitalizados, constituindo, assim, numa ressignificação das formas de leitura.

Por conseguinte, evidenciamos a propagação, no distrito, dos suportes digitais equipados com *Internet* e em decorrência dessa propagação vários espaços

se apropriaram dos novos suportes de leitura, dentre esses espaços citamos: 1) a escola, local de preparação de sujeitos para à prática social; 2) os Infocentros ou Telecentros, espaços de promoção à cibercultura para aqueles que são desfavorecidos de suportes digitais em suas residências; 3) as *Lanhouses*, espaços de promoção ao ciberespaço que hoje se ocupam mais de serviços gráficos do que em outro momento, embora, anteriormente, tenha se constituído como espaço de acesso aos mais diversos conteúdos, entretanto, a crescente aquisição de dispositivos digitais com acesso à *Internet,* nos domicílios do distrito, inviabilizou a manutenção das mesmas, deste modo, a pesquisa constatou que esse estabelecimento não mais se constitui como tal.

Assim sendo, ficaram evidenciadas que são várias as vantagens de leitura nos suportes digitais, desse modo, para os frequentantes do Infocentro, é mais vantajoso acessar nos suportes do referido por causa do baixo custo, pois o Infocentro se constitui como um espaço público gratuito e metade dos entrevistados não possui acesso à *Internet* fora desse recinto. Já para a população interpelada, na feira livre, a principal vantagem é acessibilidade, não baixo custo, já que paga para ter acesso à *Internet* em casa.

Dado o exposto, os conteúdos mais acessados pela população em geral e pelos internautas do Infocentro possuem funções que mudam a dinâmica da leitura, com suas modalidades de linguagens esses são redes sociais, *sites* educacionais, livros digitais, *you tube* entre outros; além do mais, a multimodalidade desses conteúdos, a organização dos textos quase todos como forma de hipertextos, por meio dos *links* que permitem ao leitor, nesses conteúdos, *linkar-se* a uma variedade de gêneros textuais, digitais, assegura liberdade.

Com base no levantamento de dados acerca dos gêneros textuais mais lidos, no suporte digital no distrito, constatamos, no infocentro, que a literatura, noticiários e atualidades são uns dos mais acessados, esse dado também se repete nas escolas, são os gêneros mais trabalhados, no suporte digital, pelos docentes.

Quanto aos gêneros digitais mais lidos, o e-mail e o blog constituem-se como gêneros constantemente citados, tanto pelos internautas do Infocentro, quanto pela população em geral, acreditamos que isso ocorre devido à intergeneracidade desses gêneros. O e-mail, por exemplo, é muito suscetível à entrada de diversos outros

gêneros semióticos ou não, e à incidência de links proporcionadores da hipertextualidade. Portanto, no que se refere à utilização pela população local, o *e-mail* representa o maior número, assim como o *chat*; além dos *blogs*, acessados comumente para leitura de *posts* sobre assuntos diversos.

Levando em consideração que metade dos internautas não possui acesso à *internet* em domicilio, predomina-se no Infocentro o objetivo de leitura mais para a realização de trabalhos escolares e o consumo de informações, em consonância com a população em geral que tem como objetivos de leitura nos suportes digitais: manter-se informados, realizar trabalhos escolares e para consulta.

De acordo com os dados levantados, na feira livre, com exceção dos questionados de nível Superior incompleto, o restante dos interpelados que dizem acessar conteúdos como *sites* educacionais possuem Ensino Médio completo, colocando-nos entre dois vieses: acessam porque estudam para concursos públicos, vestibulares ou marcaram essa opção porque tinham em mente que a pesquisa destinava-se a Universidade? Não se sabe. Desses, apenas um lê uma vez por semana, os demais leem diariamente nos suportes digitais.

Percebemos que os *Smartphones* lideram no que tange aos dispositivos digitais mais utilizados, tanto pelos usuários do Infocentro, como pela população em geral. Esse telefone inteligente possui tecnologias avançadas e a população não está isenta dessa ferramenta que possui as mesmas características dos computadores, dentre essas, destacamos o *hardware* e o *software*, e para além, os *Smartphones* são muito mais velozes no processamento da informação.

Acreditamos que as vantagens supracitadas desse aparelho facilitam a apropriação do mesmo pelos internautas do distrito. Inclusive nas escolas pesquisadas, o *Smartphone* também aparece como mais utilizado, quando solicitado em tarefas, pesquisas e demais trabalhos solicitados pelos docentes no espaço escolar. Tendo em vista esse dado, perguntamo-nos: como criar maneiras, estratégias, projetos metodológicos que consigam aproveitar o que a tecnologia e os suportes digitais têm para oferecer a educação? São questões para se pensar, porém não dependem apenas do profissional da educação, requer formação, capacitação, a Escola precisa se “atualizar”.

Ainda, com base nos resultados obtidos a partir da análise dos dados nos espaços referentes à pesquisa, podemos perceber que o uso dos suportes digitais de leitura contribui para a formação de leitores na comunidade, uma vez que viabiliza o acesso aos mais variados conteúdos, informações, mídias e gêneros textuais. Necessariamente ao realizar uma busca na *internet*, o usuário terá que ler e selecionar a opção conveniente para o que procura; a navegação em redes sociais também exige leitura, o internauta recebe a todo instante um bombardeio de informações e atualizações de outros usuários. Além dos gêneros digitais que necessitam tanto de leitura, quanto de escrita, os dispositivos também oportunizam o acesso a livros, contos e demais textos literários.

Portanto, esse trabalho não traz uma reposta pronta e definitiva, entretanto constitui-se em um subsídio para outros questionamentos que podem surgir a partir das discussões aqui levantadas. Assim, os dados expostos afirmam a incidência do uso de todos os referidos suportes digitais como espaços propícios à leitura, logo o distrito está imerso na cibercultura em um espaço que Levy (1999) define como um espaço de comunicação aberto pela interconexão de computadores e o Infocentro se constitui como espaço democrático de promoção à leitura.

Destarte, essa análise constata que os suportes digitais apoiados na agilidade proporcionada pela *Internet* contribuem na formação de leitores, pois a procura por conteúdos e gêneros amplia-se e varia de sujeito para sujeito. Assim, não é só apropriação dos suportes, pois de acordo com análise, os questionados não só teclam, porém pesquisam, informam-se e deleitam-se.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. SILVA, Maria da Graça Moreira da. *Currículo, Tecnologia E Cultura Digital: Espaços E Tempos De Web Currículo***.** Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.1 Abril/2011.

_____. *Tecnologias digitais na educação: O futuro é hoje* - São Paulo, 2007

ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacio*nal. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BARBOSA, Alexandre F. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil: TIC lanhouses.* Coordenação executiva e editorial. Tradução: Karen Brito. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. O *livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC, 2002.

BRASIL, Presidência da República. *Casa Civil. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil*. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 01 out. 2017

BUZATO, Marcelo El Khouri*. Letramento E Inclusão:* Do Estado-Nação À Era Das TIC*.*D.E.L.T.A., 25:1, 2009 (1-38).

Canaltech. *Brasil é o país que mais usa redes sociais na América Latina*. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina-70313/>. Acesso em: 19 de setembro, 2017.

CARVALHO, Paulo César de. *Os auxiliadores da memória.* Discutindo Língua Portuguesa, São Paulo: Escola Educacional, ano1,n.4, p.28-31

Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), *Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2016*. Disponivel em: <http://www.cetic.br/> Acesso em: 04 de outubro, 2017.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro:* do leitor ao navegador*.* 2. reimp. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial / Editora da UNESP, 1999.

_____. *As Revoluções da Leitura no Ocidente*. In: ABREU, Márcia (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999, págs. 19-31.

DELGADILLO, Karin, Ricardo Gómez, Klaus Stoll. *Telecentros comunitários para o desenvolvimento humano: lições sobre telecentros comunitários na América Latina e Caribe*. Quito, Fundação Chasquinet, novembro de 2002. Traduzido do original em espanhol: **Telecentros... ¿Para qué?** – Lecciones sobre Telecentros Comunitarios

en América Latina y el Caribe. Tradução: Joyce Hurtado. Disponível em português em:<https://www.nupef.org.br/sites/default/files/downloads/cartilha_telecentros1.pdf> Acesso: 29 e agosto, 2017.

DICIONÁRIO DE TERMOS LINGUÍSTICOS (Associação Portuguesa de Línguística e Instituto de Linguística Teórica e computacional), Lisboa: Edições Cosmos, 1992, v.1

FAGUNDES, Léa da Cruz. HOFFMANN, Daniela Stevanin. *Cultura Digital na Escola ou Escola na Cultura Digital?*CINTED-UFRGS**,** V. 6 Nº 1, Julho, 2008.

FISCHER, Roger Steven. *História da Leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.

GOMES, E. *Exclusão digital: um problema tecnológico ou social?* Boletim "Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade". Rio de Janeiro: IETS. Especial 2002 - Conhecimento e Desigualdade: 8 p. 2002.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertexto no cotidiano escolar.* – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção Trabalhando com na escola).

HIGOUNET, Charles*. História Concisa da Escrita*. [Tradução da 10º edição corrigida] Marcos Marconito. São Paulo: Paraleda Editorial, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – *IBGE*- Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ba/jacobina/panorama> - Acesso em: 06 de setembro, 2017.

LEMOS, André L. M. *Anjos Interativos E Retribalização Do Mundo. Sobre Interatividade E Interafaces Digitais.*1997.

LÉVY. Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo. Ed.34, 1999.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: Novas formas de construção de sentido*. 3ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: Dionísio, Ângela Paiva, Machado, Anna Raquel, Bezerra, M. Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MORAN, José Manuel*. A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Papirus, 2007.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras : *TIC educação 2015* [livro eletrônico] = Survey on the use of information and communication technologies in brazilian schools : ICT in education 2015 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponivel em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Edu_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf > Acesso em: 02 de outubro, 2017.

PINHEIRO, Alan Petrilson. *A Era Do "Multissinóptico": Que (Novos) Letramentos Estão Em Jogo?* Educação em Revista, Belo Horizonte, v.30|n.02|p.137-160, Abril-Junho 2014.

QEdu. *Ee Colegio Estadual De Junco Dist De Junco*. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/119656-ee-colegio-estadual-de-junco-dist-de-junco/sobre> Acesso em: 25 de setembro, 2017.

QEdu. *Pedro Daltro (CM)*. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/110614-cm-pedro-daltro/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=> Acesso em: 25 de setembro, 2017.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. H. R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Multiletramentos e currículo no ensino integral: anos iniciais do Ensino Fundamental*. São Paulo: Secretária da Educação do Estado de São Paulo, 2014.

SANTOS, Agenor Soares dos. *Dicionário de Anglicismos e de Palavras Inglesas Correntes em Português"* de– Editora Campus/Elsevier, 2006.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO: EMPRESAS

1 – Como se dá a transmissão da *Internet* por esta empresa no distrito de Junco, Jacobina, Bahia?

( ) Via Cabo ( ) Via rádio ( )Outro_____

2 – Quantas pessoas são cadastradas nesta forma de transmissão de *Internet*?

_____

_____

_____

_____

3 - A disseminação da *internet* no distrito de Junco, Jacobina, Bahia, dá-se:

( ) somente na zona urbana

( ) somente na zona rural

( ) zona: urbana e rural

4- Dados que diferenciam a quantidade de casas com acesso a *Internet*.

4.1- Quantas na sede? _____

4.2- Quantas na Zona Rural?_____

FORMULÁRIO: INFOCENTRO/*LAN HOUSE*

PERFIL DO ENTREVISTADO:
Idade: 15 a 22 ( ) 23 a 35 ( ) 36 a 50 ( ) mais de 50 anos ( )
Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )
Onde mora? Sede( ) Zona Rural ( )
Série: Não alfabetizado (a)( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( )
Ensino Médio Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Superior Completo ( ) Ensino Superior Incompleto ( )

1 - Com que frequência você utiliza esse espaço?

Diariamente ( ) Uma vez por semana ( ) Duas vezes por semana ( ) A cada quinze dias ( ) Mensalmente ( ) Raramente ( )

2 - Que conteúdo você costuma acessar na *internet* desse espaço?

Redes sociais/*Facebook*( ) *Sites* educacionais/de pesquisa ( ) Noticiário *on-line* ( ) Livros digitas ( ) *You Tube* ( ) Jogos ( ) Música ( ) Filme ( ) Verbetes ( )

3. Quais desses gêneros digitais são mais lidos por você nos suportes digitais desse espaço?

E-mail( ) *Chat* ( ) Entrevista ( ) Videoconferência ( ) Lista de discussões ( ) *Blogs* ( ) Outros ( ) Especifique _____

4 - Quais gêneros textuais são mais lidos por você, nos suportes digitais desse espaço?

Literatura ( ) Atualidades ( ) Auto ajuda/Religiosos ( ) noticiários e revistas ( ) Outros ( ) Especifique _____

5- Qual o (s) objetivo (s) de sua leitura no suporte digital desse espaço?

Para se manter Informado ( ) Realizar trabalhos escolares ( ) Puro deleite ( ) Para consulta ( ) Obrigação Profissional ( )

6– Qual a vantagem da leitura no suporte digital desse espaço?

( ) Baixo custo ( ) Facilidade ( ) Interatividade ( ) Agilidade ( ) Acessibilidade ( )

7 - Você tem acesso à *internet* fora deste espaço?

Sim ( ) Qual? _____ Não ( )

8 - Quais suportes digitais você utiliza fora deste espaço?

Smartphone( ) *Tablet* ( ) Leitor digital ( ) *Notebook* ( ) Nenhum ( )

FORMULÁRIO: FEIRA LIVRE

PERFIL DO ENTREVISTADO:
Idade: 15 a 22 ( ) 23 a 35 ( ) 36 a 50 ( ) mais de 50 anos ( )
Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )
Onde mora? Sede( ) Zona Rural ( )
Série: Não alfabetizado (a)( )
Ensino Fundamental Completo( ) Ensino Fundamental Incompleto ( )
Ensino Médio Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( )
Ensino Superior Completo ( ) Ensino Superior Incompleto ( )

1– Possui *Internet* em casa?

Sim ( ) Não ( )

2 - Em quais suportes digitais você costuma ler?

Smartphone( ) *Tablet* ( ) Computador ( ) *Notebook* ( ) *e-reader* ( )

3 - Com que frequência você lê nos suportes digitais?

Diariamente ( ) Uma vez por semana ( ) Duas vezes por semana ( ) A cada quinze dias ( ) Mensalmente ( ) Raramente ( )

4- Que conteúdo você costuma acessar na *internet*?

Redes sociais ( ) *Sites* educacionais ( ) Noticiário *on-line* ( ) Livros digitas ( ) Verbetes ( ) Textos instrucionais ( ) Enciclopédias ( )

5. Quais desses gêneros digitais são mais lidos por você nos suportes digitais?

E-mail( ) *Chat* ( ) Entrevista ( ) Videoconferência ( ) Lista de discussões ( ) *Blogs* ( ) Outros ( ) Especifique _____

6 - Quais gêneros textuais são mais lidos por você nos suportes digitais?

Literatura ( ) Atualidades ( ) Auto ajuda/Religiosos ( ) Jornais e revistas ( )

Textos instrucionais ( ) Enciclopédias ( ) Outros ( ) Especifique _____

7 - Qual o (s) objetivo (s) de sua leitura no suporte digital?

Para se manter Informado ( ) Realizar trabalhos escolares ( ) Puro deleite ( )

Para consulta ( ) Obrigação Profissional ( )

8 – Qual a vantagem da leitura no suporte digital?

Baixo custo ( ) Acessibilidade ( ) Interatividade ( ) Agilidade ( )

QUESTIONÁRIO: PROFESSORES

1 - Com que frequência você trabalha com o suporte digital na escola?

Uma vez por semana ( ) Duas vezes ou mais por mês ( ) Raramente ( )

Outra ( ) _____

Justifique a opção escolhida.

_____

_____

_____

2 - É sabido que o suporte digital mais utilizado no espaço escolar é o computador. Excetuando esse suporte recorrente nas atividades escolares, outras ferramentas digitais, também, são utilizadas?

Sim ( ) Não ( )

No caso de resposta afirmativa especifique nas alternativas abaixo:

Smartphone( ) *Tablet* ( ) *Notebook* ( ) *E-reader*/leitor digital ( ) Outros ( ) _____

3 – Os suportes digitais favorecem o trabalho na sala de aula?

Não ( ) Sim ( )

De que forma? (Justifique)

_____

_____

_____

_____

4 - Como os alunos se relacionam com as ferramentas digitais?

A maioria domina( ) A minoria domina ( )

Ninguém domina ( ) Todos dominam ( )

5 – Quais turmas costumam frequentar o laboratório de informática?

Ensino Fundamental: ( ) 6º ano ( ) 7º ano ( ) 8º ano ( ) 9º ano

Ensino Médio: ( ) 1º ano ( ) 2º ano ( ) 3º ano

6 - Quais gêneros você mais trabalha nos suportes digitais?

Contos ( ) Propagandas ( ) Receitas ( ) Notícias ( ) Romances ( ) Verbetes ( )

Artigo de Opinião ( ) Fábulas ( ) Biografias Jogos educativos ( ) Músicas ( )

Vídeo ( ) Filmes ( ) Outros ( ) Especifique _____

Justifique a escolha do trabalho com os gêneros assinalados?

_____

_____

_____

_____

7 - E como se dá a indicação do site em que a pesquisa será realizada?

( ) A indicação é feita pelo professor.

( ) Você apresenta apenas o tema e a escolha do site é responsabilidade do aluno.

( ) Os alunos pesquisam livremente.

8 – Você solicita o uso dos suportes digitais para realização de atividades extraescolares? Justifique.

_____

_____

_____

_____